

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTOLOGIA GREGA

EPIGRAMAS ERÓTICOS (LIVRO V)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO
CARLOS A. MARTINS DE JESUS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da obra

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquírides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Nelson Ferreira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ANTOLOGIA GREGA

EPIGRAMAS ERÓTICOS (LIVRO V)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)
Greek Anthology. Erotic epigrams (book V)

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY
Carlos A. Martins de Jesus

ORCID

0000-0002-8723-690X

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt
Vendas online Online Sales
http://livrariadaimprensa.uc.pt

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

Simões e Linhares, Lda.

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, DA TECNOLOGIA
E DA INOVAÇÃO
POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2013.

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1627-8

ISBN Digital

978-989-26-1628-5

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1628-5>

Depósito Legal Legal Deposit

© dezembro 2018

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigensis
<http://classica.digitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

ANTOLOGIA GREGA.
EPIGRAMAS ERÓTICOS (LIVRO V)
GREEK ANTHOLOGY. EROTIC EPIGRAMS (BOOK V)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY
Carlos A. Martins de Jesus

FILIAÇÃO AFFILIATION
Universidade de Coimbra University of Coimbra

RESUMO

O quinto livro da *Antologia Grega* contempla 310 epigramas unidos pelo conteúdo erótico que os anima. Entendido o adjetivo “erótico” em sentido literal (“inspirado por ou relativo a Eros”), inclui desde composições de tema ou intenção sexual, com linguagem obscena mais ou menos disfarçada, a outras onde se pode ler a mais ou menos violenta explosão do sentimento amoroso, um pouco à maneira que viria a ser também a dos trovadores medievais. Salvo um menor grupo de epigramas que recorrem a paralelos da mitologia grega, os poemas versam sobre os sintomas e queixumes mais correntes e atemporais do ser enamorado, sobre os sentimentos tantas vezes contraditórios inspirados por esse Eros que lapidarmente Posidipo define como *agridoce* (núm. 134).

PALAVRAS-CHAVE

Antologia Grega, Epigrama, erotismo

ABSTRACT

Book five of the *Greek Anthology* gathers 310 epigrams united by their erotic subject. Taking the adjective “erotic” literally, it comprises both compositions of sexual theme and intention, with a more or less disguised obscene language, and others where a more or less violent expression of love can be read, similar to the one that would be found in medieval Iberian bards. Apart from a small group of epigrams that resort to Greek mythology, the poems address the most frequent and timeless symptoms and complains of the in loved subject, the often-contradictory feelings inspired by an Eros that Posidippus straightforwardly defines as *bittersweet* (num. 134).

KEYWORDS

Greek Anthology, Epigram, eroticism

AUTOR

Carlos A. Martins de Jesus é doutorado em Estudos Clássicos (especialidade de Literatura Grega) pela Universidade de Coimbra, desenvolvendo à data uma investigação de Pós-doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre a *Antologia Grega* (transmissão e tradução). Tem publicado um conjunto amplo de trabalhos, entre livros e artigos em revistas da especialidade, a maior parte dos quais dedicados à poesia grega e à sua tradução para português. Assinou a tradução das obras de diversos autores gregos (Arquíloco, Baquilides, Ésquilo, Aristófanes, Plutarco, entre outros), além de trabalhar continuamente na direção de teatro de tema clássico, em Portugal e Espanha.

AUTHOR

Carlos A. Martins de Jesus has a PhD in Classical Studies (speciality of Greek Literature) by the University of Coimbra, and is currently working on a postdoctoral research founded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia, on the *Greek Anthology* (transmission and translation). He has a large record of published works, both books and papers in periodical publications, mostly devoted to Greek poetry and its translation into Portuguese. He is the author of the Portuguese translation of several Greek authors' works (Archilochus, Bacchylides, Aeschylus, and Plutarch, among others), besides working continuously on classical theatre direction, both in Portugal and Spain.

Volume editado no âmbito do Pós-doutoramento em Estudos Literários financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP e pelo POPH.

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1. A <i>Antologia Grega</i>	11
2. Epigramas eróticos (livro V)	14
BIBLIOGRAFIA	21
EPIGRAMAS ERÓTICOS (LIVRO V)	23
ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS	124

(Página deixada propositadamente em branco)

INTRODUÇÃO

1. A *ANTOLOGIA GREGA*

Parece remontar ao século IV a.C. o hábito de organizar antologias poéticas de um só autor – de que são exemplo as diversas *Simonidea* de que há notícia, com um conjunto de inscrições atribuídas ao poeta de Ceos, não necessariamente da sua lavra, muitas delas sequer suas contemporâneas. A prática ganharia um desenvolvimento mais evidente durante o século III a.C., quando os próprios poetas terão passado a organizar coletâneas das suas composições, que assim conseguiam maior divulgação – Ânite, Asclepiades, Calímaco ou Posidipo são disso exemplos. A verdade é que o epigrama deixara, há um século pelo menos, de ter como funcionalidade exclusiva a sua inscrição na pedra. Chegados ao século III a.C., a sua vertente ficcional, com os mais diversos temas e propósitos, tinha já ascendido à categoria de género literário, cedo se transformando na forma poética de eleição para a maioria dos autores. Tanto que a reunião antológica de epigramas de diversos autores, como bem explica Alan Cameron (1993: 4), mais do que uma opção, terá sido uma consequência inevitável.

A *Antologia Grega*, vulgarmente conhecida como *Antologia Palatina* devido ao principal manuscrito que no-la transmitiu, consiste nas edições modernas num vasto conjunto de epigramas em diversos metros, ainda que maioritariamente em dísticos elegíacos, organizado em dezasseis livros, e que perfaz a impressionante soma de mais de quatro mil componentes poéticos. Trata-se, inegavelmente, do maior florilégio poético em língua

grega conservado, recolhendo poemas de um vastíssimo lapso temporal, que na realidade cobre todos os períodos tradicionais da cultura Grega (arcaico, clássico, helenístico e bizantino). Transmitida essencialmente por dois códices, o chamado *Palatinus* (*Palatinus Graecus* 23 + *Parisinus Graecus Suppl.* 384 = **P**) de finais do século X e o autógrafo do século XIV de Máximo Planudes (*Marcianus Graecus* 481 = **PI**), depende maioritariamente de uma antologia epigramática que não conservamos, organizada por Constantino Céfalas nos inícios do século X, a qual terá reproduzido, sem muitas alterações (tal qual uma edição revista e aumentada), o anónimo copista de **P**. Céfalas, que provavelmente foi protopapa de Constantinopla, teria recuperado um conjunto de florilégios anteriores do epigrama grego, recorrendo sobretudo aos que organizara Meleagro (inícios do século I a.C.), Filipo (século I) e Agátias (século VI), aos quais acrescentou epigramas de outras fontes¹, organizados temática e alfabeticamente.

Dizíamos antes que não é por acaso que mais comumente se conhece a *Antologia Grega* como *Antologia Palatina*. Se é certo que, desde o século XVIII, com as edições de Reiske (1754), Brunck (1772-1776) e Jacobs (1794-1814), é **P** a principal fonte de organização e edição da *Antologia Grega*, durante mais de três séculos e desde a sua *editio princeps*, pela mão de Láscaris (1484), foi a recensão de Planudes a única conhecida e divulgada. Apenas em 1606 Saumaise, que teria descoberto uma cópia do *Palatinus* num códice do séc. XI, começa a copiar os epigramas

¹ Além dos três florilégios principais, que desde logo nos permitem a transmissão de epigramas de um vastíssimo lapso temporal, tem-se como muito provável o uso direto de antologias pessoais de poetas com ampla presença na *Antologia*, como já referíamos, como sejam Estratão (livro XII), Páladas, Rufino ou Leónidas, além de recolhas autorais como os *Simonidea*, os *Anacreontea* ou coletâneas sobre Homero, por exemplo.

que faltavam à já conhecida *Antologia de Planudes*, não levando no entanto a bom porto o projeto da sua edição completa. A atual organização em dezasseis livros tematicamente organizados de epigramas depende da edição de Dübner (1846-1877)², que pela primeira vez incluía num 16º livro os componentes apenas colacionados por Planudes, ausentes de toda a tradição manuscrita de **P**.

No que a traduções completas e sistemáticas diz respeito, até à data contamos com as seguintes edições bilíngues: a francesa da coleção Budé (Paris, Les Belles Lettres, 13 vols., 1929-1980), a inglesa de R. Paton (1916-1918, 5 vols., London, William Heinemann Lda.), a alemã de H. Beckby (1957-1965, 4 vols., München) e as duas italianas de F. M. Pontani (1978-1981, 4 vols., Torino, Einaudi) e M. Marzi (2005-2011, 3 vols., Torino, UTET). Se, por um lado, são de grande utilidade os volumes da *Antologia* da coleção Budé sobretudo pela extensão dos seus aparatos e das notas de pé de página e complementares – além de ter em marcha um processo de atualização de alguns livros pela inclusão sistemática da lição de algumas *syllogae minores* –, o texto-base da nossa tradução é o que consta dos dois volumes da edição de Beckby (1957-1965), sempre que possível confrontado com as edições (por autores) de Gow-Page (1965, 1968) e Page (1981). É propósito da presente série lograr, a médio-prazo, uma tradução completa em Português da *Antologia*, acompanhada das explicações mínimas necessárias a um leitor não familiarizado com a língua grega, sob a forma de introduções e notas de rodapé.

² À segunda edição da *Anthologia Graeca* de Jacobs (²1813-1817) se deve, na realidade, a primeira numeração dos poemas exclusivos da tradição *Planudea*, editados em apêndice à referida edição, pelo que é sua, em rigor, a *editio princeps* desses textos enquanto livro autónomo.

2. EPIGRAMAS ERÓTICOS (LIVRO V)

A ordenação tradicional do quinto livro da *Antologia Grega* contempla 310 epigramas unidos pelo conteúdo erótico que os anima. Impõe-se desde logo uma advertência a propósito do adjetivo *erótico* neste contexto. Significando literalmente “inspirado por ou relativo a Eros”, tem que ser entendido com amplitude suficiente para abarcar desde composições de tema ou intenção sexual, com linguagem obscena mais ou menos disfarçada, a outras – a grande maioria – onde se pode ler a mais ou menos violenta explosão do sentimento amoroso³, um pouco à maneira que viria a ser também a dos trovadores medievais. Salvo um menor grupo de epigramas que recorrem a paralelos da mitologia grega – em muitos casos de autores cristãos – os poemas versam sobre os sintomas e queixumes mais correntes e atemporais do ser enamorado, sobre os sentimentos tantas vezes contraditórios – e talvez por isso o paradoxo⁴ seja um recurso tão frequente do epigrama amoroso – desse Eros que lapidarmente Posidipo define como *agridoce* (núm. 134), na esteira de Safo (*glykypikros*, fr. 130 PLF). Também por isso, e ao contrário de outros livros e géneros da *Antologia*, a tradução destes epigramas dispensa um vasto aparato de notas. Amamos e sofremos por amor, ao fim e ao cabo, sempre e todos da mesma forma.

Os componentes que este volume traduz ocupam os fólhos 84-140 de **P**, sendo todos, à exceção do primeiro e do último⁵,

³ No que à sua estrutura diz respeito, apenas os núms. 11, 199-203, 205-206 (oferenda votiva), 108 (epitáfio de uma jovem), 181-183, 185 (cenário dionisíaco) e 21, 76, 204, 271, 273 (satíricos) poderiam pertencer a outros livros. Não obstante, os antologistas bizantinos perceberam a centralidade do tema amoroso que, também a eles, os anima.

⁴ Vd. Garson 1981, Gutzwiller 2007.

⁵ Tem-se pensado que o núm. 1, formado por três trímetros iâmbicos fatalmente pobres, deve ter sido composto pelo próprio Céfalas (ou pelo indivíduo endinheirado que lhe encomendou tal recolha poética) para

copiados pelo escriba A. O mesmo não é o caso das atribuições autorais, em bom número corrigidas por mãos posteriores, bem como dos lemas, igualmente acrescentados *a posteriori*. Por princípio extremamente curtos, pouco mais referem do que o assunto ou sujeito principal (*sobre Eros, sobre uma moça, sobre Lisídice*), denotando já a consciência da universalidade dos temas e dos motivos amorosos⁶. Quanto a Planudes, recolhe na seção VII do seu florilégio um total inferior de 210 epigramas eróticos, dos quais apenas 192 partilha com **P**. Ele próprio parece de resto dar explicação para a censura de alguns componentes, ao declarar numa nota preliminar que não admitiu versos de indecência ou grosseria excessiva. Ou porque, em alguns casos, mudou mesmo o género gramatical e algumas palavras, não sem aqui e ali descuidar a métrica⁷.

Uma síntese temática orientadora da leitura de uma antologia com autores tão ricos e variados como Asclepiades, Calímaco, Meleagro ou Filodemo – só para citar um punhado – requer particular esforço. Por outro lado, podemos estar certos de que o que as páginas seguintes oferecem – juntamente com o livro XII, antes publicado nesta mesma série (Martins de Jesus 2017) – é a versão portuguesa da mais representativa epigramática helenística e bizantina de tema amoroso, da acomodação dos temas eróticos da lírica grega à nova forma do epigrama literário⁸. Por isso K. Gutzwiller (2007)

abrir o florilégio. De ser assim – e também a partir das conclusões de um escólio no fôlio 81 de **P** –, os epigramas eróticos constituiriam o primeiro livro da recolha primordial. Por seu lado, o núm. 310, mais descritivo que erótico, acrescentado entre os livros V e VI, foi também copiado pela mão do lematista principal, ou seja, *a posteriori*.

⁶ Sobre estas questões paleográficas, vd. Waltz-Guillon (1929 repr. 2003: 3-8).

⁷ Vd. González Delgado 2012.

⁸ Para as origens do epigrama erótico, aparentemente sem antecedentes epigráficos concretos, tem-se sugerido o contexto simposíaco

identificou como paradoxo na base deste género a expressão da instabilidade emocional do apaixonado numa forma poética rígida e fixa, para mais com uma panóplia de temas e motivos relativamente estanques.

Tem-se reconhecido a três nomes maiores do género um papel fundamental na adaptação temática que antes referíamos e no estabelecimento do leque de temas e motivos que seriam depois reutilizados, poderíamos dizer à exaustão, pelos demais poetas helenísticos e bizantinos aqui representados, alguns dos quais impossíveis de identificar. São eles, por ordem cronológica e também de influência reconhecida pela crítica: Asclepiades, Calímaco e Posidipo, três poetas gregos do seu tempo (sécs. IV-III a.C.) que abriram também as portas do que seria a riquíssima elegia latina de um Catulo⁹. No mais, a fama que este livro colheu ao longo dos tempos, sendo desde logo o mais traduzido da *Antologia*, deve-se por certo ao facto de conter epigramas – em alguns casos autênticas pérolas poéticas – de alguns dos poetas mais representativos do erotismo helenístico e bizantino, como sejam Dioscórides (menos de dez epigramas), Filodemo (15 ou 16 epigramas), Marco Argentário (13 epigramas), Agátias (23 epigramas) ou Paulo Silenciário (39 epigramas), entre vários outros¹⁰, com menos composições recolhidas mas com nomes sonantes como sejam o de Páladas, Leónidas, os dois Antípatros ou Posidipo.

(Cameron 1995: 71-103, Fantuzzi-Hunter 2002: 338-349). Gutzwiller (2007: 314), não negando esse contexto como fundamental, argumenta a favor da importância do advento do livro de poesia, no qual, graficamente, uma sucessão de epigramas (maioritariamente em dísticos elegíacos) teria o mesmo aspeto que, por exemplo, uma elegia de Mimnermo ou Teógonis.

⁹ Para uma síntese temática de cada um deles, vd. Gutzwiller 2007, com os principais trabalhos que cita.

¹⁰ Vd. o “Índice de epigramatistas”, no final deste volume.

A mulher amada – de quem obviamente se privilegia a que está *no ponto*, a jovem madura no máximo do seu viço – é por norma uma prostituta, que quase sempre exige pagamento e se oferece ao poeta como difícil desafio. Mesmo quando alguns indícios sugerem tratar-se de uma mulher casada (e.g. núms. 120, 242), são realçadas as características físicas e morais que, no fundo, partilha com qualquer meretriz. Não obstante, se há traço que unifica o epigrama erótico em língua grega, tanto homo como hétero-erótico, é a democracia do sentimento amoroso, que a todos atinge e a todos pode elevar, pela palavra poética, tanto à categoria de semideus como à do mais desgraçado dos indivíduos. São por isso estas mulheres de má vida, tantas vezes, pintadas ao nível do que viria a sê-lo, séculos depois, a Beatriz de Dante (e.g. núms. 140, 144, 175, 195). Em imensas ocasiões, tal mulher é deificada, sendo dita a mesmíssima Cípris, a quarta Graça e a décima Musa (e.g. núms. 95, 146), ou uma súpula dos atributos de várias divindades (e.g. núms. 94, 137). Comparando com o parceiro do livro que se comenta, o livro XII, nele se deteta uma muito maior percentagem de epigramas com linguagem e obscenidade explícitas, se comparado com os epigramas heterossexuais do livro V, no qual se podem ainda ler alguns exemplos de obscenidade, quase sempre disfarçada pelo artifício da metáfora (e.g. núms. 35-36, 38, 55, 60, 99, 104, 116, etc.). A outro nível – ou talvez em consequência disso mesmo –, o Eros do livro V permite momentos de felicidade e fruição do prazer, ainda que breves e passageiros, ao passo que o Eros dos rapazes provoca um amor mais violento, que fere e sangra a todo o momento. Isto, claro, mesmo que a conclusão de ambos seja a tragédia, a separação dos amantes, a dor da perda.

Os temas, propriamente ditos, são os do amor de todos os tempos: o desejo e a paixão que consomem como fogo impossível de apagar – normalmente ateados pelas flechas

de Eros, deus menino de temperamento irascível e alvo indiscriminado (e.g. núms. 10, 11, 44, 58, 82, 98, 111, 139, 161, 209, 224, 235, 268, 288, etc.) –, a dor da separação dos amantes pela ameaça da manhã (e.g. núms. 172, 201, 223), os apelos à lamparina para que guarde o segredo dos amantes ou, caso mais específico, não ilumine a consumação erótica com outra companhia (e.g. núms. 4, 7, 8, 128, 150, 165, 166, 197, 263, 279), o contexto do banquete com as suas grinaldas, símbolo da beleza da mulher¹¹ que as ostenta, entre outros. São igualmente detetáveis, já desde Asclepiades¹² e Calímaco, as influências da Comédia Nova, i.e., o recurso a cenas e personagens estilizadas em contexto epigramático com vista à dramatização do sentimento amoroso em microcenas de acento cómico (e.g. núms. 46, 101, 132)¹³. Por fim, é escassa a presença da mitologia nestes epigramas, mesmo nos que compuseram autores pré-Cristãos. À parte as já referidas menções à mulher amada como Afrodite, uma Graça ou uma Musa, são sobretudo os episódios metamórficos de Zeus com fins eróticos os que são recuperados (e.g. núms. 66, 73, 257), desde logo porque o amor que estes poemas cantam é sobretudo um jogo de sedução e (algumas vezes) consumação erótica. Especial é

¹¹ Meleagro, além de elaborar todo o extenso poema prefácio da sua obra sob a imagem de uma grinalda que se entrelaça com as flores (e frutos) símbolo de cada poeta, tem especial interesse por esta imagem nos seus epigramas. No núm. 143, à medida que murcha a grinalda de Heliadora, ela mesma se destaca como grinalda que coroa a grinalda (v. 2); no núm. 144 Zenófila é descrita como uma violeta branca, “a flor das flores primaveris” (v. 3); e a mesma violeta branca, predileta de Meleagro na medida em que a elige para símbolo da sua própria poesia (*AP* 4.1.56), é também imagem de Heliadora no núm. 147, epigrama onde outra grinalda de flores se entrelaça com a finalidade única de adornar e perfumar os cabelos da amada. Vd. Martins de Jesus 2016.

¹² Vd. Handley 1996.

¹³ Cf. o núm. 218, que cita e brinca com o título de três obras de Menandro.

talvez o caso de Dânae (núms. 31, 33, 34, 217), cuja anuência a Zeus, volvido em chuva dourada, é prova poética do poder insuperável do ouro, novo deus para estas prostitutas. Ou ainda o de Télefo (núms. 225, 291), símbolo do extremo sofrimento da fação masculina dos amantes.

No contexto de um género com temas e motivos tão bem delineados, é inevitável perguntar até que ponto estes epigramas – e a mesma pergunta valeria para o livro XII, de novo se diga – correspondem à expressão de um lirismo sincero ou a simples exercícios poéticos. Dito de outro modo: autorizam estes textos uma leitura biográfica a propósito dos seus autores – quando identificados com segurança, claro está –, ou há antes que entendê-los como ficções poéticas? Se, por um lado, parecem certas as já antigas palavras de P. Waltz¹⁴ (“quand un cri d’amour se coule trop exactement dans un moule poétique, vieux parfois de plusieurs siècles, on peut douter en moins de sa spontanéité”), há por outro que aceitar a evidência de que foi a imitação criativa que esteve na base da maior parte dos componentes epigramáticos deste e dos demais livros da *Antologia Grega*. À parte os casos em que o modelo, copiado com anterioridade, é imitado de forma que roça o plágio¹⁵, era apanágio do bom poeta epigramático reinventar e dar novo sabor aos mesmos temas e motivos que o precediam, residindo a sua mestria precisamente nesse equilíbrio entre tradição e inovação. Não obstante, é também certo que a dedicatória de vários poemas a uma só mulher (ou a um conjunto reduzido de mulheres) por determinado poeta – a Heliadora e a Zenófila de Meleagro; a Lisídice e a Menófila de M. Argentário; a Pródica,

¹⁴ Waltz-Guillon 1929, repr. 2003: 13.

¹⁵ E.g. 64 (Asclepiades) = 168 (anónimo), 68 (Luciano) = 88 (anónimo).

a Mélite, a Rodopeia ou a Rodocleia de Rufino; a Rodante de Agátias – pode fazer pensar na vivência pessoal das cenas e dramas tornados poesia.

BIBLIOGRAFIA

- Beckby, H. (1957-1965), *Anthologia Graeca*. Band 1, Buch I-VI, 1957; Band 2, Buch VII-VIII, 1957; Band 3, Buch IX-XI, 1958; Band 4, Buch XII-XVI, 1965. München.
- Brunck, R. F. Ph. (1772-1776), *Analecta Veterum Poetarum Graecorum*. 3 vols. Strasburgo.
- Cameron, A. (1993), *The Greek Anthology. From Meleager to Planudes*. Oxford.
- Cameron, A. (1995), *Callimachus and his critics*. Princeton.
- Dübner, F. (1846-1877), *Epigrammatum Anthologia Palatina cum Planudeis et appendice nova epigrammatum veterum ex libris et marmoribus ductorum*. Paris.
- Fantuzzi, M., Hunter, R. (2002), *Muse e modelli. La poesia ellenistica da Alessandro Magno ad Augusto*. Rome.
- Garson, R. W. (1981), "The use of paradox in the amatory epigrams of the *Greek Anthology*". *Acta Classica* 24: 160-162.
- González Delgado, R. (2012), "Planudes y el libro XII de la *Antología Griega*". *Argos* 35.1: 46-67.
- Gow, A. S. F., Page, D. L. (1965), *The Greek Anthology. Hellenistic Epigrams*. Vol. I Introduction, text, and indexes of sources and epigrammatists; Vol. II Commentary and indexes. Cambridge.
- Gow, A. S. F., Page, D. L. (1968): *The Greek Anthology: the Garland of Philip*. 2 vols. Cambridge.
- Gutzwiller, K. (2007), "The paradox of amatory epigram". In Bing, P., Bruss, J. S. (eds.), *Brill's Companion to Hellenistic Epigram: down to Phillip*. Leiden: 313-332.
- Handley, E. W. (1996), "Two epigrams by Asclepiades (XXV, XVI G-P)", *MH* 53: 140-147.

BIBLIOGRAFIA

- Jacobs, Fr. (1794-1814), *Anthologia graeca sive poetarum graecorum lusus ex recensione Brunckii*. 5 vols. (+ 7 comm.), Leipzig.
- Jacobs, Fr. (1813-1817), *Anthologia graeca ad fidem codicis olim Palatini, nunc Parisini ex apographo gothano edita*. 3 vols., Leipzig.
- Láscaris, J. (1494), *Anthologia graeca Planudea*. Florença.
- Martins de Jesus, C. (2016), “Meleagro e a linguagem das flores. Tradução comentada de AP 4.1”, *Organon* 60: 171-186.
- Martins de Jesus, C. (2017), *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Coimbra, São Paulo.
- Marzi, M., Conca, F., Zanetto, G. (2005-2011), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VII, 2005; vol. 2, libri VIII-XI, 2009; vol. 3, libri XII-XVI, 2011. Torino.
- Page, D. L. (1981), *Further Greek Epigrams. Epigrams before A.D. 50 from the Greek Anthology and other sources, not included in ‘Hellenistic Epigrams’ or ‘The Garland of Philip’*. Cambridge.
- Patton, W. R. (1916-1918), *The Greek Anthology* (5 vols.). London.
- Pontani, F. M. (1978-1981), *Antologia Palatina*. Vol. 1, libri I-VI, 1978; vol. 2, libri VII-VIII, 1979; vol. 3, libri IX-XI, 1980; vol. 4, libri XII-XVI, 1981. Torino.
- Reiske, J. J. (1754), *Anthologiae graecae a Constantino Cephalae conditae libri tres...* 3 vols. Leipzig.
- Waltz, P., Guillon, J. (1929, repr. 2003), *Anthologie Grecque. Tome II. Anthologie Palatine. Livre V*. Paris.

EPIGRAMAS DE ERÓTICOS

(LIVRO V)

ANTOLOGIA GREGA

(Página deixada propositadamente em branco)

1. ANÓNIMO

Aquecendo o coração dos moços com sábio fervor,
farei de Eros o início a esta obra!
Ah, como ele sabe acender a tocha com versos!

2. ANÓNIMO

Sobre a prostituta Estenelaida

A que a cidade inflama, Estenelaida, essa rameira de luxo,
a que pelo ouro de quantos a desejam se deixa levar,
nua, durante toda a noite deitou-se comigo em sonhos,
até à amável aurora, fazendo-me o jeito de graça.
Não mais implorarei à *bárbara*¹⁶, ou a mim próprio de novo
chorarei, agora que um sono assim me agracia.

3. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

Sobre a prostituta Crisila

Já amanheceu, Crisila, e o galo da manhã há muito
que cantou e trouxe a Aurora invejosa.
Maldita sejas, mais funesta das aves, que me forças
a sair de casa para as conversas dos jovens¹⁷!
Estás velho, Titono¹⁸! Senão, porque expulsaste a Aurora,
a tua esposa, tão cedo de debaixo das mantas?

¹⁶ Deve referir-se a Afrodite.

¹⁷ O sujeito parece queixar-se da maçada que eram as *recitationes* dos jovens estudantes de retórica, que começavam de manhã bem cedo.

¹⁸ A Aurora, apaixonando-se por Titono, pediu a Zeus a sua imortalidade, mas esqueceu-se de pedir que o seu então jovem amado não envelhecesse.

4. DE FILODEMO

*Sobre Filénis, a mais nova*¹⁹

A lamparina, silenciosa cúmplice dos nossos segredos,
 embebida-a de azeite, Filénis, e em seguida
vai-te – o Amor detesta apenas conservar viva
 a testemunha! E fecha a porta à chave, Filénis!
Tu, Xanto, beija-me; e tu, leito amigo dos amantes,
 aprende os demais segredos da deusa de Pafos²⁰.

5. DE ESTÁCIO FLACO

Sobre uma prostituta

Fiel confidente de seus amores noturnos, sou a lamparina
 de prata que Flaco deu de presente à infiel Nape,
e agora, junto à cama dessa rapariga falsa, me consumo
 ao ver as suas desvergonhas de toda a espécie.
E tu, Flaco, desperto e atormentado por cruéis penas!
 Assim ardemos, ambos, apartados um do outro.

6. DE CALÍMACO

Sobre Jónis, a amante de Calignoto

Calignoto jurou a Jónis jamais amar a alguém
 mais que a ela, nem rapaz nem rapariga.
Jurou. Mas é verdade o que se diz: promessas
 de amor não chegam aos ouvidos do deus!²¹

¹⁹ O lema estaria errado, a menos que *a mais nova* signifique que a amada de Xanto tenha passado a ser conhecida como *essa (outra) Filénis*.

²⁰ Afrodite.

²¹ Tradução livre, pretendendo adaptar o dizer português. À letra, “no amor as promessas não atingem os ouvidos dos Imortais.”

Ele queima no fogo de um rapaz, e ela, pobre moça,
como os de Mégara²²: ninguém sabe nem viu!

7. DE ASCLEPÍADES

Sobre a prostituta Heracleia

Lamparina! Por três vezes Heracleia jurou em teu nome
que vinha, e não veio! Lamparina! Se és um deus,
castiga essa mentirosa. Quando, em casa, esteja a brincar
com um amante, paga-te, não lhes dês mais luz!

8. DE MELEAGRO

Sobre uma prostituta

Noite sagrada, lamparina, únicas testemunhas de nossas
promessas, foi ante vós que jurámos os dois!
Ele que sempre me amaria, eu jamais abandoná-lo,
jurámos! Vós custodiais o juramento comum.
Mas agora ele diz que essas juras a água as levou,
lamparina, e já o vês nos braços de outras.

9. DE RUFINO

Sobre uma prostituta a quem costumam chamar Élpis. Erótico

Eu, Rufino, à minha muito doce Élpis desejo alegria,
se a alegrias se atreve estando longe de mim.
Não posso mais, pelos teus olhos, esta distância
e esta falta de ti suportar em cama solitária!
Sempre banhado em lágrimas subo o Coresso²³
ou vou ao templo da grande Ártemis.

²² No original, alude-se a um provérbio sobre não haver palavras nem números para a destruição de Mégara, o qual adaptámos a um dizer mais de uso no português do Brasil.

²³ Colina vizinha de Éfeso, mais conhecida pelo culto a Ártemis que aí tinha lugar.

Amanhã a pátria há de receber-me. E para os teus olhos
hei de voar, para de novo me despedir mil vezes.

10. DE ALCEU [DE MESSENE]

Sobre o Amor

Odeio o Amor! Porque não se volta contra as bestas
o tirano, e ao invés me lança dardos ao peito?
Que ganha um deus com a cinza de um mortal? Que troféu
consegue ele triunfando sobre a minha cabeça?

11. ANÓNIMO

Se salvas os do mar, Cípris, salva-me também a mim
da perdição, deusa querida, eu, náufrago em terra!

12. DE RUFINO

Sobre a prostituta Pródica

Banhemo-nos, Pródica, colhamos flores e o vinho
destilemos levantando taças maiores!
É pouco o tempo para alegrias. De tudo o resto
a velhice nos privará, e por fim a morte.

13. DE FILODEMO

Sobre uma prostituta de nome Cárito

Acaba Cárito de cumprir as sessenta rotações anuais,
mas conserva ainda os longos cabelos negros;
sob o pescoço a montanha marmórea dos seus seios
se ergue, firmes e sem cinta que os aprisione,
e a pele, sem rugas, ainda destila ambrósia, seduções
de todo o tipo, um sem número de graças!
Vamos! Não fujais, amantes prontos para os prazeres,

vinde cá, sem medo das suas dezenas de anos.

14. DE RUFINO

Sobre a prostituta Europa

O beijo de Europa, quando chega perto dos lábios,
 é doce, e quando toca só a ponta da boca;
 mas ela não toca as pontas dos lábios, antes, atacando
 a boca, arranca-te a alma com as unhas.

15. DO MESMO

Sobre a prostituta Mélite

Onde está Praxíteles? Onde estão as mãos de Policleito²⁴,
 as que outrora traziam a vida às obras de arte?
 As tranças perfumadas de Mélite, os seus afogueados
 olhos e o brilho do seu colo, quem os reproduzirá?
 Onde estão os artistas, onde os escultores? Uma tal beleza
 requer um templo, como as estátuas dos deuses.

16. DE MARCO ARGENTÁRIO

Sobre a prostituta Ariste

Vedes isto, lua de chifres de ouro, e vós, lampejantes
 estrelas que no seu seio o Oceano recebe?
 Deixou-me sozinho e foi embora a perfumada Ariste,
 e há já seis dias que não encontro essa bruxa!
 Mas ainda podemos apanhá-la; é só colocar os cães
 de prata de Cípris²⁵ no rasto das suas pegadas.

²⁴ Rufino considera que apenas a arte de Policleito (séc. V a.C.) ou Praxíteles (séc. IV a.C.) seria digna de reproduzir a amada. De resto, sabemos da circulação dos originais e de cópias das obras destes escultores pelo mundo alexandrino.

²⁵ No limite, é uma prostituta, e voltará com dinheiro à vista.

17. DE GETÚLICO

Sobre uma prostituta. Erótico

Vigia dos rochedos próximos ao mar, a ti faço chegar
estes bolinhos, dons de um sacrifício modesto!
Amanhã viajarei sobre a imensa espuma do mar Íónio
em busca do regaço da minha Eidoteia²⁶.
Ilumina de luz tanto o meu amor quanto o meu navio,
Cípris, senhora dos leitos e das costas do mar!

18. DE RUFINO

Erótico

Nós, que às grandes damas preferimos as serventes,
não apreciamos caprichos fraudulentos.
Umhas têm a pele perfumada, imponentes, um jogo
de prazer até ao momento do perigo;
as outras têm graça, tez natural e um leito acessível,
não se preocupando com presentes de luxo.
Imito Pirro, o filho de Aquiles, que preferiu
à esposa Hermíone a escrava Andrómaca²⁷.

19. DO MESMO

Erótico semelhante

Já não sou o louco por rapazes de antes; agora digo que sou
louco por moças, e o meu disco é chocalho²⁸;
à pele sem mancha dos rapazes prefiro agora pó-de-arroz,
perfumes e maquilhagens – beleza acrescentada.

²⁶ Ao mesmo tempo nome da prostituta e atributo de Afrodite.

²⁷ Andrómaca, a antiga esposa de Heitor, tocara em sorte a Pirro como escrava, acompanhando-o a casa aquando do regresso dos Gregos.

²⁸ Com o primeiro costumavam entreter-se os rapazes (na palestra), e com o segundo as raparigas (dançando nos coros).

Pastem os golfinhos no Erimanto coroado de árvores
e os cervos velozes na espuma cinzenta do mar!²⁹

20. DE HONESTO

Advertência erótica

Nem uma virgem nem uma velha quero desposar:
por uma paixão, pela outra respeito.
Nem uva seca nem uva passa, antes beldade colhida
no ponto, isso o melhor para o leito de Cípris.

21. DE RUFINO

Sobre a prostituta Pródica

Não te dizia, Pródica, “estamos velhos”? Não te anunciei
eu que “velozes chegam essas mata-amores”?
Já estão aí as rugas, o cabelo branco e o corpo engelhado,
e a boca já não tem os encantos de outros tempos.
Alguém te aborda agora, arrogante, ou com adulações
te corteja? Passamos por ti como por um túmulo.

22. DO MESMO

A ti, como servo me entregou o Amor de doces dons, Boópis³⁰,
qual touro que por si mesmo vergou o pescoço ao desejo,
voluntária, espontânea e deliberadamente a total servidão,
e que jamais ousará reclamar a liberdade amarga,
meu amor, até aos cabelos brancos e à velhice. Que ninguém
lance mau-olhado sobre as nossas esperanças!

²⁹ I.e., coisas mais estranhas poderão acontecer, agora que deixou de desejar rapazes para preferir raparigas.

³⁰ Significando literalmente “de olhos de vaca”, deve tratar-se de uma alcunha da amada, o mesmo termo que é epíteto de Ártemis.

23. DE CALÍMACO

Sobre a prostituta Conópio

Possas tu dormir, Conópio³¹, como me fazes a mim
adormecer junto a estas portas geladas!
Possas tu dormir, malfeitora, como este teu amante aqui
adormeces, sem que em sonhos receba piedade.
Compadecem-se os vizinhos; tu, nem em sonhos! Um dia,
os cabelos brancos hão de recordar-te isto tudo!

24. DE MELEAGRO

Sobre a prostituta Heliadora

Adverte-me a alma que fuja do amor de Heliadora,
acostumada às lágrimas e ciúmes do passado.
Ela diz, mas não tenho coragem de fugir. A miserável
adverte-me, adverte, mas continua a amá-la.

25. [DE FILODEMO]

Sobre a prostituta Cidila

Cada vez que me lanço nos braços de Cidila,
seja dia ou, com mais coragem, noite,
sei que caminho à beira do abismo, que jogo
por completo a cabeça num copo de dados.
De que vale sabê-lo? O que é valente, se o Amor
o domina, nem em sonhos sente medo.

26. ANÓNIMO

Sobre uma moça jeitosa

Que com negra melena tu resplandeças,

³¹ Literalmente, “mosquitinho”. Deve, portanto, tratar-se de outra alcunha.

e depois loira, minha rainha,
com ambas brilha igual a tua graça. Fossem os
cabelos brancos, e ainda receberiam Amor.

27. DE RUFINO

Sobre a prostituta Melissa

Onde estão, Melissa, aqueles encantos de ouro
tão admirados da tua beleza proverbial?
Onde esse sobrolho, esse espírito altivo, o elevado pescoço
e os luxos em ouro que levavas nos pés arrogantes³²?
Agora, cabelo seco e rarefeito, pés de onde pendem farrapos:
esse o destino das cortesãs todas emperquitadas.

28. DO MESMO

*Sobre uma moça; sobre uma prostituta que, ao envelhecer, viu
partir todos os amantes*

Já me dizes “olá”, agora que se foi o rosto de antes,
mais suave que o mármore, minha bruxa!
Já queres brincar, quando já não se veem essas melenas
que se espalhavam sobre o teu pescoço altivo.
Não te aproximes mais de mim, arrogante, nem me fales!
Um espinho em vez de uma rosa eu não aceito.

29. DE CILACTOR

Fazer amor é bom – quem pode negar? Mas se implica
pagamento, pior se torna do que o heléboro.³³

³² Deve o texto referir-se a um tipo de joia ou adorno colocado entre o dedo grande do pé e os tornozelos.

³³ Purgante natural extremamente eficaz.

30. DE ANTÍPATRO DE TESSALÓNICA

Por que motivo as prostitutas preferem receber ouro a amantes

Bem verdade, e mais que Afrodite seja “a dourada”,
é tudo quanto disse o poeta da Meónis³⁴.

Se levas dinheiro contigo, és amigo; nem porteiro
no teu pé, nem cão acorrentado à porta.

Mas se vens de mãos vazias, lá está Cérbero³⁵.

Ó gente ambiciosa! Que crime contra o pobre!

31. DO MESMO

*Porquê o prazer bate a todas as portas e uma prostituta não
sabe estar longe do ouro*

Uma idade do ouro, outra da prata e do bronze
houve antes. Por todas está agora Citereia:
honra o que tem ouro, beija o homem com prata
e aos que têm bronze nunca dá as costas.

Um Nestor, esta Páfia³⁶! Vejo que Zeus veio a Dânae
não volvido ouro, mas com cem peças de ouro³⁷.

32. DE MARCO ARGENTÁRIO

Sobre a prostituta Melissa

Fazes tudo, Melissa, como a abelha amiga das flores:
bem o sei, mulher, e já o gravei no coração!

³⁴ Homero.

³⁵ Cão de três cabeças que guardava as almas no Hades, impedindo-as de sair e assassinando qualquer mortal ainda vivo que se aproximasse.

³⁶ Afrodite, aqui comparada a Nestor porque também ele conheceu três gerações (cf. *Iliada* 1.250-252), correspondentes às três idades da civilização que a deusa simboliza no poema.

³⁷ Racionalização (banal) da versão mítica tradicional, também presente nos núms. 33 e 34.

Destilas mel dos lábios quando com doçura me beijas;
 mas se cobras, com espinho trazes amarga ferida.

33. DE PARMÉNIDES

Sobre Dânae caíste, Olímpico³⁸, feito ouro, para que a jovem
 cedesse a tal presente, não ao temor do Crónida.

34. DO MESMO

Semelhante

Zeus comprou Dânae com ouro, e eu com ouro a ti;
 mais do que Zeus não te poderei eu dar!

35. DE RUFINO

Sobre as prostitutas, fardo insolente, pobre e todo vergonha

Eu mesmo julguei o traseiro de três; elas me escolheram,
 mostrando-me o esplendor nu das suas coxas.
 uma, pude ver como lhe florescia a brancura e a doçura
 das coxas, escavadas de pregas arredondadas;
 a outra, abrindo as pernas, ruborescia a carne cor de neve,
 de um tom mais vermelho que rosa purpúrea;
 a última, qual mar de galena, era sulcada por ondas mudas,
 de tez mais delicada, que só involuntários tremores
 [sacudiam.

Se o árbitro das deusas³⁹ tivesse contemplado estas coxas,
 não ia ele sequer querer saber das de outrora.

³⁸ Zeus. Vd. núm. 31 (v. 6) e nota. Cf. núms. 34, 64, 217 e 257, onde o mesmo mito é utilizado como metáfora da cobiça das prostitutas.

³⁹ Páris (filho de Príamo, rei de Troia), que no Ida teve que decidir a qual das três deusas (Hera, Ártemis ou Afrodite) concedia o pomo de ouro.

36. DO MESMO

Semelhante

Discutiam entre elas Ródope, Mélite e Rodocleia,
qual das três tinha o sexo mais bonito,
e elegeram-me para árbitro. Como as deusas famosas
se perfilam então, todas nuas e a destilar néctar⁴⁰.

O meio das coxas de Ródope brilhava com fulgor,
qual punhado de rosas soprado pelo Zéfiro
[...]⁴¹

O de Rodocleia era de extrema suavidade, qual vidro,
como estátua que por primeira vez se vê num templo.
Mas porque sabia bem o que sofreu Páris à custa do seu juízo,
apressei-me a coroar em conjunto as três imortais.

37. DO MESMO

Semelhante

Jamais abraceis mulher nem muito magra, nem gorda;
o meio-caminho de ambos é a escolha certa!
Se uma tem pouca abundância de carne, a outra a tem
em demasia. Nem a carência nem o excesso!

38. DE NICARCO

Porque é melhor amar mulheres grandes

De mulher grande e bonita é que eu gosto, Símilo,
seja na flor da idade ou mesmo mais velha.

⁴⁰ I.e. bem unguidas e perfumadas. O uso da palavra *néctar* visa manter o paralelo com a esfera das divindades.

⁴¹ Parece faltar um dístico, que descreveria a segunda mulher.

Uma moça há de abraçar-me; porém, se for já velha,
velha e enrugada, então há de mamar-me.

39. DE NICARCO

Sobre o amor e os cortejos

Não hei de eu morrer? Que me importa pois se com gota
ou como campeão de corrida chego ao Hades?
Muitos aí me levarão. Deixai-me ser coxo à vontade!
É por isso que nunca renunciarei à pândega!

40. DO MESMO

Conselhos à prostituta Filomena

Não ouças tua mãe, Filomena! Acaso me vá embora
e uma vez só ponha o pé fora da cidade,
não faças caso dos que gozam connosco, antes goza
tu com eles e trata de conseguir mais que eu.
Revolve toda a pedra; cuida de ti própria e escreve-me
em que promontório de fortuna te encontras.
Cumpre as tuas obrigações: a renda e, caso te sobre
algum, recorda-te de mim a cada dia que passa.
Se ficares grávida, dá à luz, sim – não te preocupes!
Descobrirás de quem é já quando for adulto.

41. DE RUFINO

Para uma prostituta. Paródia

Quem foi que te expulsou porta-fora, nua assim, e te bateu?
Quem teve tal alma de pedra e não soube ver-te?
Acaso te apanhou ele com a boca na botija ao entrar?
Acontece! Fazem todas o mesmo, minha filha.
A partir de agora, se alguém estiver dentro, e outro fora,
fecha a porta à chave, não vá voltar a acontecer-te.

42. DO MESMO

Sobre as prostitutas

Odeio mulher fácil, como odeio a sensata em demasia:
esta lentamente se dá, aquela demasiado rápido.

43. DO MESMO

Semelhante

Alguém te expulou nua, dizendo ter-te apanhado em adultério,
como se ele não fosse adúltero, ou fosse Pitagórico⁴²;
por isso, minha filha, entre lágrimas agora castigas o teu rosto
e te plantas às portas de um fulano tresloucado?
Seca os olhos, não chores, filha! Já encontraremos outro,
incapaz de olhar e maltratar-te ao mesmo tempo.

44. DO MESMO

*Sobre as prostitutas Lêmbio e Cercúrio, nomes de pequenas
embarcações, para nós jangadas⁴³*

Lêmbio uma, a outra Cercúrio, as duas prostitutas,
vigiam sem cessar o porto de Samos.

Rapazes! Evitai todos estes corsários de Afrodite.

Se te misturas, bebes até te afundares!

45. DE CILACTOR

Moça que seja jovem faz mais dinheiro,
não pela arte, mas pela natureza.

⁴² Os Pitagóricos tinham fama de tranquilos e impassíveis. Fala a dona do bordel para uma prostituta mais jovem e ainda sensível ao enamoramento.

⁴³ Não há forma de saber a que espécie de embarcação se refere o lematista, quando dá um significado *atual* para os dois tipos de barco pequeno e precário que as prostitutas escolheram como nome de guerra.

46. DE FILODEMO

Para uma prostituta. Pergunta e resposta.

- Boa noite! – Boa noite para ti! – O teu nome? – E o teu?
 – Sem pressas! – O mesmo te digo! – Tens alguém?
 – Sempre há alguém que me quer. – E queres jantar comigo
 esta noite? – Se tu queres. – Muito bem. Quanto cobras?
 – Nada por adiantado. – Que estranho! – Quanto te parecer,
 dá-mo depois de dormir comigo! – Parece justo!
 – Onde vives? Enviarei... – Vais ficar a saber. – A que hora virás?
 – À que tu quiseres. – Quero já! – À minha frente!

47. DE RUFINO

Sobre Talia, a sua prostituta

Muitas vezes te roguei tomar-te durante a noite, Talia,
 para saciar com paixão afogueada o meu desejo.
 Agora, nua, aproximadas de mim as tuas coxas adocicadas,
 e eu, já fraco, sucumbo ao cansaço e ao sono.
 Infeliz desejo, ao que chegaste? Ergue-te, sem esmorecer,
 tu que buscaste a felicidade que se te oferece.

48. DO MESMO

Sobre uma moça. Elogio da sua beleza

Os olhos são da cor do ouro, o rosto como o cristal,
 a boca mais terna que purpúrea rosa em botão,
 o pescoço marmóreo, os seios de brilho fulgurante,
 pés mais brancos que os de Tétis cor de prata!
 Se aqui e ali em seus cabelos brilham alguns espinhos,
 não vou eu virar as costas a uma espiga branca.

49. DE TODÍCIO GALO

Epigrama muito vergonhoso

Eu, Lide, que três homens de uma vez posso satisfazer,

um por cima, outro por baixo e outro por trás,
recebo os que gostam de rapazes, de moças ou de mamar.

Mas, se tens pressa e vens com mais dois, entra!

50. ANÓNIMO

A miséria e o amor, dois males que receio. O primeiro suportaria
sem problema, mas o fogo de Cípris não o posso suportar.

51. ANÓNIMO

Queimeei, dei beijos, fui feliz, desfrutei, sou amado.

Com quem? Como foi? – só a deusa sabe.

52. DE DIOSCÓRIDES

Sobre a prostituta Arsínoe

Juramento comum fizemos ao Amor; um juramento
que a Sosípatro garantia o amor fiel de Arsínoe.

Ela traiu-o – vazias as juras –, mas nele permaneceu
o amor. Ah, não se manifesta o poder dos deuses.

Possas tu, Himeneu, escutar agora os lamentos à porta
de Arsínoe, acusando-a de ser amante ingrata.

53. DO MESMO

Sobre Aristónoe

A sedutora Aristónoe feriu-me, querido Adónis,
ao roçar os seus seios contra o teu nicho⁴⁴.

Se tal graça me conceder a mim, a troco da vida,
sem hesitação – leva-me na tua travessia.

⁴⁴ Alusão aos ritos funerários do segundo dia das celebrações anuais de Adónis. Cf. nota ao núm. 193.

54. DO MESMO

Charlatanice para os que são como ele próprio, ou como dormir com mulher grávida

No leito, nunca disponhas a tua mulher grávida de cara para ti, nas brincadeiras de Cípris conjugal.

O grande espaço que fica no meio não fará tarefa fácil que ela se deixe levar e que tu manejas o timão.

Dá-lhe a volta e disfruta do seu traseiro da cor das rosas, tomando a tua mulher pela Cípris dos rapazes.

55. DO MESMO

Sobre a prostituta Dóris. Muito obsceno

Com Dóris de róseo traseiro estendida sobre os lençóis, entre flores frescas me volvi imortal.

Apertando-me ela entre as suas pernas maravilhosas, percorreu sem desvios o longo trajeto de Cípris, com lânguida mirada. Qual folha que o vento arrasta, tremia-lhe a tez purpúrea quando se movia.

Até que se nos esgotou a ambos o branco vigor, e Dóris ficou estendida, de membros inertes.⁴⁵

56. DO MESMO

Como o homem se deixa dominar e algumas vezes é vencido pela beleza das mulheres

O que me põe louco são seus lábios rosados, faladores, portais amansa-corações de uma boca de néctar; os seus olhos que brilham sob as sobancelhas espessas,

⁴⁵ Dioscórides recria a cena do (também ao seu tempo) famoso texto do Epodo de Colónia de Arquíloco (fr. 196a West; séc. VII a.C.), no qual outra jovem atinge com o poeta o orgasmo, em igual cenário natural.

redes e armadilhas que me agrilhoam o coração;
os seus seios da cor do leite aparelhados, apeteceíveis,
bem esculpidos, mais doces que flor em botão.
Porque revelo os ossos aos cães? São testemunhas
de uma boca que não se cala as canas de Midas⁴⁶.

57. DE MELEAGRO

Para o Amor

Se amiúde queimas uma alma que esvoaça⁴⁷ à tua volta,
Eros, ela foge – também tem asas, mesquinho.

58. DE ÁRQUIAS

Para o Amor

Pequeno Eros, destróis-me para valer! Esvazia a aljava
toda em mim, não deixes nenhuma flecha,
para que contra mim apenas lances setas e, caso a outro
queiras lançá-las, não te sobre dardo algum.

59. DO MESMO

Semelhante

“Há que fugir de Eros!” Inútil esforço. Não escaparei,
a pé, a criatura alada que me segue de perto.

⁴⁶ Ao rei Midas, da Frígia, tinham nascido orelhas de burro, por preferir a flauta de Pã à de Apolo. Mantendo o segredo, apenas o contou ao seu barbeiro que, por sua vez, o contou a um buraco no chão, de onde brotaram umas canas que, agitadas pelo vento, revelavam o que devia permanecer oculto.

⁴⁷ O poeta parece jogar com o sentido menos comum de *psyche*, “borboleta”.

60. DE RUFINO

Sobre uma moça banhando-se

Banhava-se uma moça de pés de prata, humedecendo
 os pomos de ouro⁴⁸ dos seios da cor do leite.
 Espontaneamente se moviam as coxas arredondadas,
 sacudindo uma carne mais ondulante que a água.
 Com a mão aberta eu cobria o inchado Eurotas⁴⁹,
 não por completo, apenas quanto podia.

61. DO MESMO

Sobre a prostituta Filipa

Jogando ao *condax*⁵⁰ com Filipa de escuras pálpebras,
 fazia-a rir do fundo do coração assim:
 “Apanhei-te doze, e amanhã mais doze hei de apanhar,
 outras doze ou mais ainda, pois já sei como.”
 Quando a chamei ela voltou, e entre risos lhe disse:
 “Tivesse-te eu convidado a vir pela noite!”

62. DO MESMO

Sobre uma mulher anónima

O tempo não murchou ainda a tua beleza, mas conservas
 muitos vestígios desse encanto de antes,
 e as tuas graças não envelheceram ainda, nem a brancura
 dos seios sorridentes nem o seu tom róseo se foram.

⁴⁸ Os “pomos de ouro” costumavam referir-se às laranjas, aqui imagem dos seios femininos. O epigrama é uma descrição da amada sob o modelo plástico da Vénus *Anadiomene*.

⁴⁹ O nome deste vasto rio da Lacónia (com cerca de 82 km de comprimento) recorre à etimologia de *eurys* (“comprido”) para servir de metáfora ao pénis.

⁵⁰ Jogo em torno de uma flecha de ponta não afiada, símbolo óbvio das brincadeiras sexuais.

Oh, quantos fulminou o teu olhar outrora divino,
[...]

63. DE MARCO ARGENTÁRIO

Antígona, para mim eras Siciliana. Agora que Etólia
te volveste, vê bem – eu volvi-me Medo⁵¹.

64. DE ASCLEPÍADES

Para Zeus, sobre Eros

Faz nevar, chover pedras, cria a noite, acende o dia, lança o trovão,
agita todas as tuas nuvens prenhes de fogo sobre a terra!
Se me matas, então pararei; se, porém, me permites que viva,
suportarei coisas ainda piores, arrastarei vil existência.
Fere-me o deus que também a ti te domina: obedecendo-lhe,
Zeus, muros de bronze atravessaste volvido ouro⁵².

65. ANÓNIMO

Volvido em águia Zeus buscou o divino Ganimedes,
e em cisne a loira mãe de Helena.
Enfim, as duas coisas são incomparáveis; uns gostam de uma,
a outros a outra parece melhor. A mim, ambas⁵³.

⁵¹ Jogo de palavras. A mulher é Etólia (*aitousa*, “afogueada”) e o amante um “não dou!” (*me dos*).

⁵² Zeus e as suas metamorfoses com propósito erótico. Entre as mais famosas, o pai dos deuses transformara-se em chuva de ouro para penetrar nos aposentos de Dânae, em touro (branco) para raptar Europa e em cisne para seduzir Leda, a mãe de Helena. Cf. infra núms. 64, 65, 109, 217 e 257.

⁵³ Uma confissão de bissexualidade.

66. DE RUFINO

Sobre a amada Pródica

Em boa hora encontrei Pródica sozinha, e lhe supliquei,
 tocando-lhe os joelhos de ambrosia:
 “Salva – disse – um homem que quase não vive,
 concede-me o sopro de vida que me foge!”
 Isto disse, e ela chorou. Porém, limpando as lágrimas,
 com as mãos delicadas me pôs porta-fora.

67. DE CÁPITON

Sobre a beleza

Beleza sem graças só agrada, não cativa,
 como anzol sem isco na água.

68. DE LUCÍLIO OU PÓLEMON, [REI] DO PONTO

Sobre Eros

Põe ponto final parágrafo ao amor, Eros, ou acrescenta-lhe
 o *ser amado*, para destruir ou conciliar o desejo.

69. DE RUFINO

Sobre Meónis, uma moça

Palas e Hera de sandálias de ouro, quando viram
 Meónis, do coração gritaram ambas:
 “Não mais nos despiremos; um juízo do boieiro⁵⁴ basta.
 vergonhoso duas vezes perder em beleza.”

⁵⁴ O Julgamento de Páris, no Monte Ida, no qual perderam para Afrodite as mesmas deusas que receiam agora perder também para a moça do epigrama.

70. DO MESMO

Sobre uma prostituta jeitosa

A beleza de Cípris, a boca da Persuasão, tens a frescura
do corpo das Horas primaverais, a voz de Calíope,
a inteligência e a astúcia de Témis e as mãos de Atena.

Contigo são já quatro as Graças, Fila!

71. DO MESMO, OU DE PÁLADAS DE ALEXANDRIA⁵⁵

Satírico, sobre a mulher de Zenão

A filha de seu pai Protómaco⁵⁶ e de Nicómaca foste tu
desposar, Zenão, e tens a guerra em casa.

Vai ter com o teu bom amigo Lisímaco; ele terá pena de ti
e há de livrar-te da Andrómaca, filha de Protómaco.

72. DO MESMO

Elogios da vida doce e livre

Isto sim é vida, não outra! Vida é prazer. Fora cuidados!

Breve é o tempo da existência humana. Um respiro é Lieu⁵⁷,

um respiro os coros e as grinaldas de flores, um respiro as
[mulheres.

Hoje, sejamos felizes! O amanhã, esse ninguém o conhece.

⁵⁵ A atribuição a Páladas, insegura, poderá ter-se baseado no tom jocoso do epigrama que, tratando de um tema conjugal, foi por isso incluído neste livro.

⁵⁶ Todos os nomes são ficcionais e partilham a mesma etimologia guerreira (*mach-*) que dita a alusão a Andrómaca, a esposa de Heitor que, ao cabo da Guerra de Troia, foi feita concubina de Neoptólemo.

⁵⁷ Dioniso (ou Baco), tomado pelo vinho.

73. DE RUFINO

Sobre Rodocleia, prostituta no ponto

Deuses, não sabia eu que Citereia também se banhava,
 livrando com as mãos as tranças que caem sobre a nuca.
 Tem piedade, soberana, e os meus olhos jamais
 castigues por terem visto figura divina.
 Estou a ver: é Rodocleia, não Cípris. Então, essa beleza
 de onde vem? Penso que a roubaste à deusa.

74. DO MESMO

Sobre a mesma Rodocleia

Envio-te, Rodocleia, esta grinalda, que com belas flores
 com as minhas mãos eu próprio entrelacei.
 Há uma açucena, um botão de rosa, a anémoma húmida,
 o delicado narciso e a violeta de escuro brilho.
 Coroa-te com ela, e deixa de ser orgulhosa como és:
 Floresceis e murchais ambas, tu e a grinalda.

75. DO MESMO

Sobre uma moça seduzida pelo próprio

Uma moça tinha por vizinha, Amímone, uma Afrodite,
 por quem o coração me queimava, e não pouco.
 Ela brincava comigo, até que, uma altura, ganhei coragem.
 Ela corou. Que dizer? Apercebera-se do meu esforço.
 A custo logrei o meu objetivo. Ouço dizer que está grávida.
 Que devo fazer agora? Fugir, ou ficar aqui?

76. DO MESMO

Sobre uma prostituta velha. Satírico

Ela era outrora toda bem-feita, com seios primaveris,
 belas ancas, alta, de belas sobranceiras e cabelos.

Tudo mudou com o tempo, a velhice e o cabelo branco,
e do que antes era não é agora sequer um sonho;
leva cabeleira postiça e tem o rosto coberto de rugas,
como não tem sequer um macaco envelhecido.

77. DO MESMO

Sobre o trato com as mulheres

Se a mulher mantivesse a graça após a união de Cípris⁵⁸,
um homem nunca deixaria de fazer amor com a esposa.
Porém, depois de Cípris todas as mulheres são insípidas.

78. DE PLATÃO⁵⁹

Sobre Ágaton, seu discípulo

Quando beijava Ágaton, a alma tinha à flor dos lábios;
até aí vinha a infeliz, como que para entrar nele.

79. DO MESMO

Sobre uma prostituta difícil

Atiro-te esta maçã⁶⁰. Tu, se consentes amar-me,
concede-me em troca a tua virgindade.
Se pensas o contrário do que desejo, agarra-a
e vê como é breve o tempo da beleza.

⁵⁸ O casamento.

⁵⁹ Este poema, com os núms. 117, 122, 145 e 167, forma parte do pequeno grupo dos epigramas de assunto homoerótico que, por lapso do copista, foram incluídos neste livro, e não no Livro XII (a “Musa dos Rapazes”, já traduzido nesta coleção). Vd. Martins de Jesus 2017: 111-112.

⁶⁰ Poderia, neste e no epigrama seguinte, haver referência a uma declaração de amor gravada na própria fruta.

80. DO MESMO

Sou uma maçã; atira-me um que te ama. Cede,
 Xantipa! Já vamos murchando, eu e tu.

81. DE DIONÍSIO O SOFISTA

Tu, a das rosas, tens a graça das rosas. Que vendes tu?
 A ti mesma, as rosas, ou uma coisa e a outra?

82. ANÓNIMO

Sobre uma que se banha

Tu, que soberba te banhas: que banho de fogo me preparas?
 Antes mesmo de me despir, já me dou conta do fogo.

83. ANÓNIMO

Sobre a amada

Fosse eu vento, e tu, quando por fim regressasses a casa,
 mostrasses os peitos e recebesses o meu sopro!

84. ANÓNIMO

Semelhante

Fosse eu uma rosa purpúrea, e tu, colhendo-me com as mãos,
 me concedesses a graça dos teus seios de neve.

85. DE ASCLEPÍADES

Sobre uma moça que não se deixa convencer

Conservas a virgindade. De que serve? Chegada ao Hades,
 não vais encontrar quem te queira, rapariga!
 Entre os vivos estão os gozos de Afrodite; no Aqueronte,
 virgem minha, ossos e cinza havemos de fazer.

86. DE CLAUDIANO

Piedade, Febo querido! Também tu, que desferes o arco veloz,
foste ferido pelas flechas mais velozes ainda de Eros.

87. DE RUFINO

Sobre a prostituta Melíssia

Melíssia nega estar apaixonada, mas o seu corpo
grita que recebeu toda uma aljava de flechas,
com a fala entrecortada, a respiração sobressaltada
e o olhar fundo de uns olhos feridos por setas.
Desejos! Em nome de vossa mãe Citereia de bela grinalda,
queimai esta insolente, até que diga “como queimo!”.

88. DO MESMO

Se em dois não podes, incendiário, acender a mesma chama,
extingue ou transfere a que queima apenas em um.

89. DE MARCO ARGENTÁRIO

Loucuras de amor

Não é amor, se alguém deseja possuir uma mulher que tenha
belo parecer, confiado em seus olhos criteriosos.
Mas se alguém, vendo uma feia, como atingido por setas
se apaixonou, incendiado por um coração delirante,
isso sim é amor, isso sim é fogo! A beleza agrada por igual
a todos quantos são árbitros versados da aparência.

90. ANÓNIMO

Mando-te um doce perfume, com perfume o perfume venerando,
como quem a Brómio faz libações com o próprio Brómio⁶¹.

⁶¹ Epíteto de Dioniso. Entenda-se, “como quem oferece vinho ao próprio [deus do] vinho”.

91. ANÓNIMO

Mando-te doce perfume, mas ao perfume, não a ti, agracio:
tu própria serias capaz de perfumar um perfume.

92. DE RUFINO

Sobre a prostituta Ródope

Ródope presume de ser bela. Se calho dizer-lhe “olá!”,
é com sobrolho arrogante que ela me saúda;
se por acaso penduro grinaldas por cima da sua porta,
irrita-se e calca-as com os pés arrogantes.
E vós, rugas e velhice sem piedade: vinde quanto antes!
Apressai-vos! Talvez logreis persuadir esta Ródope.

93. DO MESMO

Contra Eros

Armei o meu peito contra Eros com a couraça da razão,
e não me vencerá, se me enfrentar sozinho;
mortal, a um imortal farei frente. Mas se tiver a ajuda
de Baco, que posso eu, sozinho contra ambos?

94. DO MESMO

Sobre Mélite

Tens os olhos de Hera, Mélite, as mãos de Atena,
os seios da Páfia⁶² e as ancas de Tétis.
Feliz quem te vê, três vezes beato quem te escuta,
semideus quem te beija, imortal quem te despose.

⁶² Afrodite.

95. ANÓNIMO

O viço

Quatro são as Graças, duas as Páfias⁶³ e dez as Musas:
Tudo isso é Dercila: Musa, Graça e Páfia.

96. DE MELEAGRO

O teu beijo é visco⁶⁴, e os teus olhos, Timário, são fogo:
queimas se me olhas, aprisionas se me tocas.

97. DE RUFINO

Se a ambos, Eros, apontas de igual maneira as tuas flechas,
és um deus; mas, se para um te inclinas, já não és deus.

98. ANÓNIMO, OU DE ÁRQUIAS

Põe o arco ao ombro, Cípris, e vai tranquila buscar outro
alvo; já não tenho espaço para outra ferida.

99. ANÓNIMO

[Um dançarino] para uma mulher

A teu lado, citarista, queria eu, como quando tocas a cítara,
tocar a corda do alto e fazer vibrar a do meio.

⁶³ Platão (*Banquete* 180d-182a) distinguira dois Eros (e consequentemente duas Afrodites): o ‘popular’ (*pandemos*) e o ‘celestial’ (*ouranios*).

⁶⁴ Em grego, *ixon* refere-se ao preparado feito a partir de uma planta (*Hozanthus europaeus*) e usado, entre outros fins, para apanhar pássaros. Essa a imagem que se repete, por exemplo, no núm. 100 (v.2), além de em vários outros pontos, também entre os epigramas homoeróticos do livro 12 (e.g. núms. 92, 132a, 142).

100. ANÓNIMO

Contra o que censura o apaixonado

Se alguém me censura sabendo que eu, um servo de Eros,
me passeio por aí com o visco do caçador nos olhos,
recorde que também Zeus, Hades e o que detém o cetro
dos mares são escravos dos Desejos violentos.

Mas se os deuses são assim, e a seguir os deuses aconselham
os homens, que mal há em aprender as obras dos deuses?

101. ANÓNIMO

Pergunta e resposta

– Olá, menina! – Olá! – A tua guia, quem é? – E tu com isso?
– Não pergunto sem razão. – É a nossa patroa.
– Devo ter esperanças? – Que queres? – Uma noite. – Que tens?
– Ouro. – Coragem! – Este todo! – Insuficiente.

102. DE MARCO ARGENTÁRIO

Sobre Diocleia, a magrela

– A magrela Diocleia, essa Afrodite esquelética
mas amiga dos bons modos, vais encontrar?
– Pouco fará comigo; mas, tombado no seu peito
delicado, descansarei perto da sua alma.

103. DE RUFINO

Sobre Pródica

Até quando, Pródica, chorarei à tua porta? Até quando
te abraçarei os joelhos, cruel, sem que me ouças?
Eis que na tua cabeça surgem já alguns cabelos brancos,
e em breve me darás o que Hécuba deu a Príamo⁶⁵.

⁶⁵ I.e. uma relação entre velhos (mais carinhosa do que erótica), simbolizada nos últimos reis de Troia.

104. DE MARCO ARGENTÁRIO

Sobre Lisídice

Fora essas redes, sua frívola! Não abanes a anca
com altivez quando caminhas, Lisídice!
O teu delicado peplo não te cobre nas suas pregas,
e toda a tua nudez se vê, mas sem se ver.
Se isto te parece engraçado, cobrirei também eu
bem com gaze isto que aqui tenho ereto.

105. DO MESMO

Sobre Menófila

Outro mundo o de Menófila, se diz entre as meretrizes,
outro onde toda a espécie de deboche se saboreia.
Vamos, Caldeus, aproximai-vos dela: o céu dela é capaz
de esconder tanto o Cão quanto os Gémeos⁶⁶.

106. DE DIOTIMO DE MILETO

Sobre uma moça jeitosa

Velha, querida ama, porque gritas se me aproximo
e me lanças em penas duplamente cruéis?
Acompanhas uma moça bem jeitosa, e vê como eu,
no encalce dos seus passos, sigo caminho,
vendo tão só o seu aspeto doce. Que mal há em olhar,
malvada, se também vemos a forma dos deuses?

⁶⁶ Os Caldeus eram conhecidos por dominarem a astronomia. O epigrama joga com a ambiguidade dos nomes das duas constelações, que significam, na gíria, “pénis” e “testículos”, respetivamente.

107. DE FILODEMO

Sobre uma prostituta bem jeitosa

“Sei bem, minha linda, dar amor a quem me ama,
como sei morder aquele que me morde.

Não me causes dor, eu que te amo tanto, nem queiras
conseguir a raiva excessiva das Piérides⁶⁷.”

Isto gritava sempre e te advertia. Mas tu, como o mar
da Jónia, às minhas palavras orelhas moucas!

Por isso choras agora, assim banhada em lágrimas;
e eu, bem tranquilo, no regaço da Náíade⁶⁸.

108. DE CRINÁGORAS

Sobre uma prostituta chamada Prota

Infeliz! Que palavra te direi primeiro, e em último?

Infeliz – a mais natural em tamanha desgraça.

Já partiste, graciosa mulher, tu, que no viço da beleza
e no valor do teu coração obtiveras a palma.

*Prota*⁶⁹ era nome ideal, pois tudo o mais era segundo
em face dos teus encantos sem comparação.

109. DE ANTÍPATRO [DE TESSALÓNICA]

Sobre uma prostituta chamada Europa

Por uma dracma Europa, a ateniense, é tua, sem medo
de rival nem qualquer resistência da sua parte.

Oferece-te ainda cama lavada, e, se for inverno, carvão.

Em vão, Zeus amado, te volveste touro⁷⁰!

⁶⁷ I.e., a poesia, que pode revestir-se da modalidade satírica caso a amada insista na recusa do poeta.

⁶⁸ As Náíades são as ninfas aquáticas. Ou seja, o sujeito poético suicidou-se em pleno mar.

⁶⁹ O nome da mulher significa “a primeira”.

⁷⁰ Entre as suas metamorfoses com fins eróticos, Zeus transformou-se num touro branco para raptar Europa. Vd. supra, núm. 64 e nota.

110. DE MARCO ARGENTÁRIO

Sobre duas prostitutas, chamadas Lisídice e Eufrente

Serve-me dez copos⁷¹ em honra de Lisídice, criado,
mas pela desejável Eufrente apenas um.

Dirás que gosto mais de Lisídice; nada disso, juro
pelo doce Baco que desta taça bebo sedento!

Eufrente, para mim, vale por dez. Também o brilho
da lua supera o das estrelas sem número.

111. DE ANTÍFILO

Sobre uma prostituta chamada Térina, de beleza já perdida

Já dizia eu antes, quando o encanto de Térina era ainda
jovem: “quando crescer, consumir-nos-á a todos!”

Os outros riam cá do profeta. Ele aí está agora, esse tempo
de que falava. Eu cá, há muito sentia chegar o golpe.

Que hei de fazer? Olhá-la é completo fogo; virar-lhe a cara, aí,
um tormento; se a provoco, “sou virgem”. Estou perdido!

112. DE FILODEMO

*Por que razão quem é dado a amores na juventude se volve
mais sensato depois de velho*

Já amei – e quem não? Já fui de festas – e quem não foi
de festas? Fui à loucura. Por quem? Um deus?

Ao diabo com isso! Agora, os cabelos brancos substituem
os negros, esses mensageiros da velhice sensata!

Brinquei muito quando era tempo de brincar. Mas agora
que acabou, viro-me para assuntos mais sensatos.

⁷¹ No original, a *kyate* era uma espécie de concha para servir o vinho do *krater* para as taças.

113. DE MARCO ARGENTÁRIO

Sobre Sosícrates, homem rico que, devido ao excesso no amor, se tornou pobre

Quando rico, eras só amores, Sosícrates, mas ao ficar pobre
 já não amas mais – que belo remédio é a fome!
 A que antes te chamava o seu perfume e terno Adónis,
 Menófila, agora pergunta qual é o teu nome.
 “Que homem és tu? De onde? De que cidade?” Aprendeste
 à força a lição: ninguém ama o que nada tem.

114. DE MÉCIO

Sobre uma prostituta cara quando jovem, mas que depois de velha a todos se submete

Esta Filístio, sempre tão difícil, ela que não acolhia
 jamais amante que não tivesse dinheiro,
 parece agora mais acolhedora que antes. Nada espanta
 que o pareça; mas penso que não mudou de índole.
 Por vezes, mais inofensiva se torna também a dura serpente,
 mas ao morder não deixa por isso de causar morte.

115. DE FILODEMO

Acerca do gramático que, por ter amado muitas Demos, se chama Filodemo

Amei uma Demo, Páfia de origem – nada de admirar!
 Depois uma Demo de Samos – nada demais!
 E mais uma terceira Demo, de Hísias⁷² – já não era
 brincadeira! Em quarto, uma Demo da Argólida.

⁷² Nome de duas cidades, uma na Beócia, perto do Citéron (atual Kalivia), outra na Argólida. A primeira era mais conhecida.

As Moiras foram quem me batizou como Filodemo⁷³,
pois sempre ardo de desejo por uma Demo.

116. DE MARCO ARGENTÁRIO

Erótico, pois o desejo pelas mulheres é conforme à natureza, ao passo que o que se tem por homens não é conforme nem piedoso.

O amor por mulheres é o mais belo entre os mortais,
os que ao amor dedicam um espírito nobre.
Mas se também nutres desejo por homens, sei ensinar-te
o remédio para acalmar esse mal de amores:
dá a volta a Menófila de belas ancas, e intimamente
pensa que tens nos braços Menófilo, o macho.

117. DE MÉCIO

Loucuras de amor e o fardo da impiedade

Acalenta-me o belo Cornélio; mas receio essa chama,
pois em grande fogueira já se vai convertendo.

118. DE MARCO ARGENTÁRIO

Para a amada, a quem enviou uma grinalda de rosas

Perfumada Isíade! Embora exales aroma dez vezes melhor,
levanta-te e recebe nas mãos queridas esta grinalda
que agora está em flor; ao raiar da aurora, poderás tu ver
como murcha – um símbolo da tua juventude.

119. DE CRINÁGORAS

Sobre a sua amada Gemela

Que te voltes para a direita, ou para a esquerda te voltes,

⁷³ O poeta brinca com o próprio nome, significando “o amante de povos”.

Crinágoras, em cima da tua cama deserta,
se a teu lado não estiver deitada a adorável Gemela,
ao dormir não acharás o sono, mas sofrimento.

120. DE FILODEMO

Sobre uma mulher adúltera que, de noite, se lhe veio juntar

A meio da noite, às ocultas do meu marido⁷⁴,

vim encharcada por pesada chuva.

Por isso estamos assim imóveis, e só a conversar,

sem dormir como devem dormir os amantes?

121. DO MESMO

Sobre Filénio, admirável elogio de uma prostituta

Pequena e morena é Filénio, de cabeleira mais encaracolada

que as folhas do aipo, a pele mais suave que uma pena⁷⁵

e essa voz mais encantadora que a cinta de Cípris⁷⁶, dadivosa

sempre e muitas vezes envergonhada de pedir paga.

Uma Filénio assim, dourada Afrodite, concede que eu ame,

antes que outra mais perfeita ainda eu encontre!

122. DE DIODORO

Conselhos de amor

Ainda que mais precioso que teus olhos te pareça, meu rapaz,

a Clino, filho de Megístocles, mesmo que saia

esplêndido do banho das Graças, não persigas esse bonitão.

Não é ingénuo o rapaz, nem lhe falta malícia;

⁷⁴ Fala – em registo de queixa – a amante.

⁷⁵ O termo grego refere-se ao pormenor da penugem do queixo de um ganso.

⁷⁶ Cinta bordada conhecida pelo seu poder de despertar o amor em quem a contemplasse, já desde os Poemas Homéricos (e.g. *Iliada* 14.214-217).

pesadelo de muitos, não é inexperto nas lides do amor.
Procura não acender essa chama, louco como és.

123. DE FILODEMO

Sobre a prostituta Calístio

Brilha, Lua noturna de dois chifres, amante das veladas,
brilha, entrando pelas brechas das janelas!
Ilumina a dourada Calístio! Pôr o olho nas lides
dos amantes não é inveja, para uma deusa.
Sei, Lua, que nos tens por felizes, a ela e a mim;
também Endímion⁷⁷ te queimou o coração.

124. DO MESMO

Sobre a moça Lisídice

O verão ainda não desflorou os teus botões, nem madurou
o cacho que derrama as primeiras graças virginais,
mas já os jovens Amores afiam as suas flechas velozes,
Lisídice, e um fogo se vai acendendo em segredo.
Fujamos, infelizes no amor, enquanto a seta não está na corda!
Posso prever, para breve, um incêndio imenso.

125. DE BASSO

Sobre a prostituta Corina

Não hei de jamais cair sob a forma de ouro; em touro outro
se transforme, ou em cisne costeiro de voz de mel.⁷⁸
Que Zeus se entretenha com tais brincadeiras! A Corina
darei os dois óbolos que pede, sem ganhar asas.

⁷⁷ Selene (a Lua) apaixonara-se pelo jovem e belo pastor Endímion, tendo feito que dormisse um sono eterno para eternamente o poder beijar.

⁷⁸ Vd. supra, núm. 64 e nota ad loc.

126. DE FILODEMO

Sátira sobre um que ama a devassidão e paga demasiado às prostitutas

Um tipo dá cinco talentos a uma fulana, por um só favor,
 e fode-a com medo – ela, caramba, nem é bonita.
 Eu cá pago cinco a Lisianassa, mas por doze favores,
 e fodo com alguém mais bonito e às claras.
 Ou bem perdi a razão por completo, ou o outro deve,
 desde já, cortar os *gêmeos* com um machado⁷⁹.

127. DE MARCO ARGENTÁRIO

Sobre a moça Alcipe

Amava loucamente a jovem Alcipe; quando por fim cedeu,
 logrei possuí-la às escondidas na sua cama.
 Palpitava-nos a ambos o peito, não fosse alguém entrar
 e desvendar o mistério da nossa louca paixão.
 Os seus gemidos não escaparam à sua mãe, que, ao ver-nos,
 logo gritou: “Partilhemos o tesouro⁸⁰, minha filha!”

128. DO MESMO

Sobre a prostituta Antígona

Tronco contra tronco, peito no peito apoiado,
 os meus lábios colados aos lábios doces
 de Antígona, a pele tocando a sua pele. O resto
 calo – só a lamparina foi fiel testemunha.

⁷⁹ Epigrama bastante explícito. Os *gêmeos* são os testículos (cf. núm. 105, e nota), cuja amputação se sugere para não mais consumir o ato com prostitutas feias e caras.

⁸⁰ O original é um provérbio: “Que este Hermes [tesouro] nos seja comum.”

129. DE AUTOMEDONTE

Sobre uma prostituta dançarina

Saúdo essa dançarina⁸¹ da Ásia, a que em lascivas
posturas se balança desde tenra infância,
não por expressar todo o tipo de sentimentos ou mover
com delicadeza as suaves mãos daqui para ali,
mas porque à volta de uma cavilha usada sabe mover-se
e não se dá à fuga perante as rugas de um velho.
Chupa, arranha, abraça; e, quando finalmente te prende
com as pernas, resgata do Hades o teu bastão.

130. DE MÉCIO

Sobre a prostituta Filénis

Porque estás triste? Porque tens desalinhado o cabelo,
Filénis, e os olhos inundados de lágrimas?
Acaso viste o teu amante com outra nos braços?
Diz-me! Conheço o remédio para a tua dor.
Tu choras, e dizes que não. Mas em vão tentas negar:
os olhos têm mais crédito do que a língua.

131. DE FILODEMO

Sobre Xantipa

A melodia, a conversa, o olhar sedutor, o canto
e o fogo recém-ateado de Xantipa,
alma minha, te abrasarão. Porquê, quando e como
não sei; sabê-lo-ás, infeliz, ao arder.

⁸¹ Deve tratar-se de uma atriz de pantomima.

132. DO MESMO

Sobre a mesma Xantipa

Ai pé, ai perna, ai coxas pelas quais com justiça
 morro, ai nádegas, ai crina⁸², ai flancos,
 ai ombros, ai esses seios, ai pescoço delicado,
 ai mãos, ai olhos que me enlouquecem,
 ai caminhar tão artificial, ai beijos incomparáveis
 de língua, ai gritinhos que me ferem!
 Se é Ópica⁸³, Flora de nome e não recita Safo,
 também Perseu amou a indiana Andrómeda⁸⁴.

133. DE MÉCIO

Sobre a prostituta Hedílio

Pelo teu poder jurei, Citereia, por duas noites ficar
 longe de Hedílio. Mas penso que te riste,
 sabedora da doença deste infeliz. Não suportarei
 a segunda, e ao vento lanço as minhas juras!
 Prefiro ser ímpio por causa dela a morrer por piedade
 para contigo, soberana, mantendo a jura.

134. DE POSIDIPO

Sobre um jarro de vinho

Derrama, jarro da Cecrópia⁸⁵, o sumo orvalhado de Baco,
 derrama-o e salpica o nosso festim comum!

⁸² Metáfora para a púbis.

⁸³ I.e. romana, a partir do nome de um povo antigo do sul da Itália.

⁸⁴ Pelo último verso se percebe que a moça em causa era negra (cf. núm. 210). Revela-o a referência a Andrómeda, por quem se enamorou Perseu ao livrá-la do monstro ao qual pretendia sacrificar-se para salvar a sua pátria (a Etiópia).

⁸⁵ I.e. ateniense. A cerâmica ática cedo foi o centro de um mercado de exportação surpreendente.

Esteja Zenão, o sábio cisne, em silêncio, como a musa
de Cleantes⁸⁶: ocupemo-nos de Eros, o agridoce.

135. ANÓNIMO

Outro sobre um jarro de vinho

Arredondado, bem moldado, de uma só orelha e longo colo,
imponente, tu que balbucias com tua boca apertada,
bem-aventurado servidor de Baco, das Musas e de Citereia,
o de doce gargalhada, copeiro do festim comum,
porque, se estou sóbrio, estás bêbado, e se estou bêbado
estás tu sóbrio? Falta contra a norma do festim!

136. DE MELEAGRO

Sobre a jovem Heliodora. Erótico

Enche a taça, e repete uma e outra vez: “Por Heliodora!”

Repete, e com o vinho mistura o seu doce nome.

E coroa-me, em nome dela, com a grinalda humedecida
de perfumes, embora seja já de ontem.

Vede como chora a rosa querida dos amantes, por vê-la
junto a outro, e não mais nos meus braços.

137. DO MESMO

Sobre a mesma. Semelhante

Enche a taça, por Heliodora, a da Persuasão e de Cípris,
e de novo por ela, a Graça de doce discurso!

Para mim, ela é divindade única, e o seu apetecível
nome quero beber, misturado com vinho puro.

⁸⁶ Zenão de Eleia e Cleantes de Assos, pré-socrático o primeiro e estoico o segundo, simbolizam os temas da filosofia que não cabem num banquete orgiástico onde o amor e o vinho devem ser as únicas ocupações.

138. DE DIOSCÓRIDES

Sobre Aténio, jovem atriz

Aténio cantava-me o terrível Cavallo. Em chamas estava
Ílion inteira, e junto com ela também eu ardia,
[indiferente] ao esforço de dez anos dos Dânaos. Em fogo
único, porém, perecemos ambos, os Troianos e eu.⁸⁷

139. DE MELEAGRO

Sobre a citarista Zenófila

Que doce melodia, por Pã da Arcádia, entoas com a lira,
Zenófila! Por Pã, que doce melodia tu tocas!
Onde fugir de ti? Por toda a parte me rodeiam Amores,
e nem uma réstia de tempo me dão para respirar.
A tua beleza me enche de desejo, ou será antes a Musa,
ou a Graça... que digo? É tudo. Ardo em fogo vivo!

140. DO MESMO

Sobre a jovem Zenófila

As Musas de doce canto e a sua lira, a prudente Eloquência
com a Persuasão e Eros que detém as rédeas da beleza,
Zenófila, investiram-te com as insígnias dos Desejos, desde que
as três Graças outras três graças te concederam.

141. DO MESMO

Sobre Heliodora. Semelhante

Prefiro, por Eros, que aos meus ouvidos chegue a voz
de Heliodora, à cítara do filho de Leto⁸⁸.

⁸⁷ Breve cena de pantomima do episódio da destruição de Troia, com o Cavallo de Troia.

⁸⁸ Apolo.

142. ANÓNIMO

Sobre uma grinalda de rosas de Dionísio

Como é? A grinalda é a rosa de Dionísio, ou é ele a rosa da grinalda? Parece-me que a grinalda sai a perder.

143. DE MELEAGRO

Sobre outra grinalda de rosas de Heliodora

A grinalda já vai murchando na cabeça de Heliodora; mas ela própria brilha, grinalda de sua grinalda.

144. DO MESMO

Elogio da jovem Zenófila, a partir de um punhado de flores

Já floresce a violeta branca, floresce o narciso que ama a chuva, florescem as açucenas que habitam as montanhas. Também ela desabrocha, a minha bem-amada, a flor das flores da primavera, rosa delicada da Persuasão. De que rides sem razão, prados, agitando as vossas cabeleiras? Esta moça é preferível a qualquer grinalda perfumada.

145. DE ASCLEPÍADES

Sobre uma grinalda de rosas entrelaçada por uma moça

Repousai, grinaldas, penduradas nos batentes deste portal, sem pressa de sacudir as pétalas que o pranto regou – uma nuvem de chuva são os olhos do fulano apaixonado! Haveis de vê-lo⁸⁹, quando abrir a porta, e em sua cabeça derramai então a chuva do meu pranto; e que, pelo menos, a sua loura cabeleira possa beber as minhas lágrimas.

⁸⁹ Ou o sujeito poético é feminino, ou estamos ante um epigrama homoerótico.

146. DE ASCLEPÍADES

Sobre Berenice, a esposa de Ptolemeu

São quatro as Graças, pois uma outra, com as três de antes,
foi agora moldada⁹⁰, humedecida de perfumes:
a afortunada Berenice, merecedora da inveja das demais,
sem a qual as próprias Graças não seriam Graças.

147. DE MELEAGRO

Sobre uma grinalda de rosas dada a Heliodora

Entrelaçarei violeta branca, entrelaçarei com mirto narciso
delicado, entrelaçarei sorridentes açucenas,
entrelaçarei doce açafraão; entrelaçarei ainda jacinto
cor de púrpura, entrelaçarei rosas dos amantes.
Tudo para que, na testa de Heliodora de perfumados caracóis,
uma grinalda lhe cubra de flores o cabelo entrançado.

148. DO MESMO

Sobre Heliodora

Afirmo que, um dia, a fama de Heliodora de bela voz
vencerá, pelas suas graças, as próprias Graças.

149. DO MESMO

Sobre Zenófila

Qual dos meus amigos me trouxe esta Zenófila faladora ⁹¹?
Quem me trouxe para casa uma das três Graças?
Em verdade executou esse homem obra muito graciosa,
dando-me de presente a graça da própria Graça.

⁹⁰ Em rigor, o poema versa não sobre Berenice, mas sobre uma estátua sua.

⁹¹ Um retrato da amada oferecido ao poeta, dito “falador” de acordo com o princípio ecfrástico da arte plástica que, de tão realista, parece dotada de voz.

150. DE ASCLEPIÁDES

Sobre Nico

Prometera-me que viria esta noite, a bem conhecida
Nico, e jurou mesmo pela sagrada Deméter;
mas não veio, e já passou a guarda⁹². Quis ela fazer
falsa promessa? Criados, apagai a lamparina⁹³!

151. DE MELEAGRO

Sobre Zenófila, a sua amada

Mosquitos de aguçado zumbido, que atrevidos chupais o sangue
dos mortais, monstros noturnos providos de asas,
suplico-vos, deixai que Zenófila durma um instante de sono
tranquilo, e vinde antes devorar a minha carne!
Mas porque suplico em vão, permitindo que feras selvagens
se regozijem com o calor do seu corpo delicado?
Outra vez vos aviso, malditas criaturas: travai a vossa audácia,
ou conhecereis a força das minhas mãos ciumentas.

152. DO MESMO

Sobre a mesma

Voa, mosquito, meu rápido mensageiro, e pousando na orla
das orelhas de Zenófila sussurra-lhe estas palavras:
“Alguém te espera sem dormir; e tu, esquecida do amor,
dormes.” Vamos, voa! Isso, amante da música, voa!
Mas fala-lhe baixinho, não despertes o que com ela se deita
e em mim faças despertar as dores dos ciúmes.

⁹² “Já passou a [primeira] guarda”, i.e., já passa da meia-noite.

⁹³ Pois desistiu de esperá-la.

Se me trazes a moça, mosquito, hei de cobrir-te a cabeça
com uma pele de leão e dar-te a maça para as mãos⁹⁴.

153. DE ASCLEPÍADES

Sobre Nicarete

O doce rosto de Nicarete, temperado de desejos
e que muitas vezes se vê a uma janela,
os raios dos olhos azuis de Cleofonte o destruíram,
querida Cípris, junto à porta de sua casa.

154. DE MELEAGRO

Juro, por Cípris que nas brilhantes ondas se banhou,
que é a sua beleza que faz esta Graça graciosa.

155. DO MESMO

Sobre Heliadora

Dentro do meu coração, Heliadora de bela voz,
alma da minha alma, o próprio Eros plasmou.

156. DO MESMO

Sobre Asclepiade

A amorosa Asclepiade, com seus olhos azuis, qual mar calmo,
a todos convence a navegar consigo o mar do amor.

157. DO MESMO

Sobre Heliadora

Por efeito de Eros cresceu a afiada unha de Heliadora;
por isso os seus arranhões atingem o coração.

⁹⁴ O poeta diz que fará do mosquito um Hércules, i.e., um semideus digno de veneração.

158. DE ASCLEPÍADES

Sobre a prostituta Hermíone

Com a sedutora Hermíone me diverti eu um dia,
e tinha uma cinta bordada de flores, ó Páfia,
com estas letras em ouro à volta: “Ama-me (podia ler-se),
e não te importes caso outro me possua!”

159. [DE SIMÓNIDES]

Sobre a flautista Bídio

Bídio, a flautista, e Pitíade, duas beldades de antes,
ofereceram-te, Cípris, as cintas e os retratos.
Marinheiro e comerciante: a tua bolsa conhece bem
a origem destas cintas e destes retratos⁹⁵.

160. DE MELEAGRO

Sobre a prostituta Demo

Demo de alva face! Alguém disfruta agora de ti, nua
a seu lado, e em mim há um coração que chora.
Se agora te tomou o gosto pelo *sabat*⁹⁶, nada de admirar!
Mesmo nos gelados *sabats* tem lugar o amor quente.

161. DE [HÉDILO OU] ASCLEPÍADES

Sobre Eufro, Taís e Bídio

Eufro, Taís e Bídio, essas Greias filhas de Diomedes⁹⁷,

⁹⁵ Porque aos seus serviços teriam recorrido com frequência.

⁹⁶ A amada está agora com um judeu. Meleagro, de Gádara, vivia em pleno território judeu.

⁹⁷ As Greias eram três irmãs, que desde o nascimento tinham cabelos grisalhos. Eram filhas de Fórcis e Ceto e irmãs das Górgonas, com as quais eram frequentemente confundidas. O poeta mistura, no mesmo verso, a lenda segundo a qual Diomedes obrigava as filhas a dormir com

barcas a vinte remos dos mercadores de naus,
 Agis, Cleofonte e Antágoras deitaram borda fora,
 um cada uma, nus e náufragos que estavam.
 E vós, com vossos marinheiros, evitai estas piratas
 de Afrodite. São mais funestas que as Sereias.

162. DE ASCLEPÍADES

Sobre Filénio

A implacável Filénio atingiu-me. A ferida
 mal se vê, mas a dor chega às unhas.
 Estou feito, Amores, morto, perdido; uma serpente
 pisei a dormir, e já desço ao Hades.

163. DE MELEAGRO

Sobre Heliadora

Abelha que de flores te alimentas, porque tocas a pele
 de Heliadora, preterindo botões primaveris?
 Acaso para recordar que também ela sabe cravar no peito
 o sempre doce e amargo agulhão de Eros?
 Sim, isso querias dizer! Amiga dos amantes, para trás!
 Há muito que conhecemos essa novidade.

164. DE ASCLEPÍADES

Ó noite, a ti e só a ti dou testemunho de como me fere
 Pitíade, a filha de Nico, fulana dada à traição.
 Foi com convite, e não sem ele, que vim; sofrendo o mesmo,
 possa ela chorar por mim, plantada à minha porta.

os viajantes, para depois os espoliar, dessa forma conseguindo uma potente imagem de três velhas prostitutas portuárias.

165. DE MELEAGRO

Sobre a prostituta Heliodora

Uma só coisa, mãe dos deuses todos, Noite amiga,
te suplico, par de festas, soberana Noite!
Se alguém, envolto nas mantas de Heliodora, se diverte,
aquecido pelo seu corpo que engana o sono,
apague-se a lamparina e, estirado nos braços dela,
fique quieto como um segundo Endímion⁹⁸.

166. DO MESMO

Sobre a mesma

Ó noite, ó desejo por Heliodora que me tem desperto,
chagas lacrimosas de amanheceres cruéis!
Conserva ela algum amor por mim? Será que a acalenta
ainda a memória do meu beijo em frio retrato?
Terá outra companhia de leito além das lágrimas? Amará
ainda o meu espectro, entre súplicas golpeando o peito?
Ou acaso há outro amor? Jamais, lamparina, mostres tu
tais combates novos; guarda a que te confiei!

167. DE ASCLEPÍADES

Mais outro erótico

Chovia, era noite escura, e – terceiro mal do amor –,
havia vinho. O Bóreas era gelado, e eu ali tão só.
Mas o belo Mosco resistia: “Também tu passes por isto,
sem que tenhas portal algum onde descansar!”
Isso gritei ao rapaz, empapado. Até quando, Zeus?
Zeus querido, basta! Também tu aprendeste a amar.

⁹⁸ Vd. supra, núm. 123 e nota.

168. ANÓNIMO

Para um louco de amor

Com o fogo, a neve, e se quiseres com o relâmpago
 atinge-me, lança-me aos abismos ou ao mar!
 Aquele a quem foram vedados os desejos, e que Eros feriu,
 nem o arremesso do fogo de Zeus o consumirá.

169. DE ASCLEPÍADES

Doce, para o sedento, é um gole de neve no verão; para os nautas,
 é doce que, já inverno, vejam a Coroa⁹⁹ da primavera.
 Muito melhor é que os amantes se deitem juntos na mesma
 manta, e entre os dois celebrem o culto de Cípris.

170. DE NÓSSIS

Sobre Eros

Nada melhor que o amor, ante ele toda a alegria ocupa
 segundo lugar; até o mel da boca eu cuspo¹⁰⁰.
 Isto afirma Nóssis: aquela a quem Cípris não amou
 não sabe que espécie de rosa são estas flores¹⁰¹.

171. DE MELEAGRO

Sobre Zenófila

A taça regozija de alegria; diz ela que tocou a boca
 faladora da amorosa Zenófila.

⁹⁹ A Coroa Boreal, ou de Ariadna, era visível à tarde a partir de março, marcando o início da melhor época para as viagens por mar.

¹⁰⁰ Já que, ante o amor, ele próprio resulta amargo.

¹⁰¹ O verso está corrompido e o seu sentido não é claro. Sendo a rosa, tradicionalmente, a flor das flores (poéticas), podem essas *flores* referir-se às benesses do amor, desconhecidas por quem não recebeu o beneplácito de Afrodite.

Que sorte! Tocasse ela com os lábios os lábios meus,
e de um trago só bebesse a minha alma!

172. DO MESMO

Sobre a sua amada Demo

Aurora funesta para o amor! Porque vieste tão cedo ao meu leito,
quando me aquecia no corpo da minha querida Demo?
Pudesses tu, invertendo teu rápido curso, voltar a ser Noite,
tu que derramas uma luz doce, para mim tão amarga!
Tu, que outrora partiste já da casa de Alcmena, na presença
de Zeus¹⁰², não és inexperta em mudar o teu percurso.

173. DO MESMO

Sobre a mesma Demo

Aurora funesta para o amor! Porque percorres lenta o mundo,
agora que outro se acalenta sob as mantas de Demo?
Quando tinha eu nos braços a beldade, então sim vinhas veloz,
como emanando uma luz que se ria dos meus males.

174. DO MESMO

Sobre Zenófila

Dormes, Zenófila, flor delicada! Pudesse eu, como o Sono
mas sem as suas asas, penetrar nas tuas pálpebras,
para que nem ele, que antes adormeceu os olhos de Zeus,¹⁰³
te visitasse, e assim pudesse ter-te só para mim.

¹⁰² Zeus teria triplicado a duração da noite que escolheu passar com Alcmena, a esposa de Anfitrião e mãe de Hércules, herói que nesse encontro foi gerado.

¹⁰³ Na *Iliada* (canto 15), Hera conta com o Sono (*Ypnos*) para reter Zeus junto de si.

175. DO MESMO

Sobre a mesma Zenófila

Sei que são vãs as tuas juras, pois denunciam a traição
 as tuas tranças, humedecidas ainda de perfumes,
 denunciam-te, vê, os olhos pesados pela falta de sono
 e a marca das grinaldas à volta dos cabelos;
 sujou de recente lascívia, os cabelos estão desalinhados,
 e o corpo todo tens instável pelo vinho puro.
 Vai-te, mulher da vida! Chamam-te já a lira dada a festas
 e o som das castanholas¹⁰⁴ que umas mãos tocam.

176. DO MESMO

Sobre Eros

Eros é cruel, cruel! Mas que me aproveita uma e outra vez
 dizê-lo, muitas vezes entre gemidos: “Eros é cruel”?
 O moço¹⁰⁵ por certo se ri disto, e disfruta de tais maldades
 se o acuso; se lhe teço insultos, torna-se mais forte.
 É estranho que tu, Cípris, tendo nascido da espuma do mar
 esverdeado, a partir da água tenhas gerado o fogo.

177. DO MESMO

Sobre Eros, como são os seus caprichos

Venho denunciar Eros, o selvagem! Agora, agora mesmo,
 matutino se foi a esvoaçar da minha cama.
 É menino de lágrima doce, falador, veloz, intrépido,
 zombador narigudo, de asas nas costas e aljava.

¹⁰⁴ “Castanholas” é o equivalente contemporâneo mais aproximado dos *krotala*, pequenos instrumentos de percussão tocados com ambas as mãos, sobretudo em contextos simposíacos.

¹⁰⁵ Eros, representado como um menino irrequieto.

Seu pai não sei dizer quem é; nem o Éter nem a Terra
 afirmam ter gerado o matreiro, nem o Pélagos¹⁰⁶.
 Em todo o lado e por todos é odiado. Tomai cuidado,
 não vos ate ele os corações com novas amarras!
 Mas, ei-lo aí perto do seu ninho. Não me vais escapar,
 archeiro, mesmo escondido nos olhos de Zenófila.

178. DO MESMO

Semelhante sobre Eros; notável

Vendei-o, agora que dorme ainda no seio de sua mãe;
 vendei-o! De que serve alimentar este matreiro?
 É zombador narigudo e alado; arranha com a ponta das unhas
 e, muitas vezes, no meio do choro desata a rir.
 Quanto ao resto é inflexível, falador, de olhar penetrante,
 selvagem, intratável mesmo para com a mãe amada.
 Todo um monstro! Por isso, vendei-o! Se há um marinheiro
 em viagem que quer comprar uma criança, avance!
 Olha agora, entre lágrimas me implora ele! Já não te vendo;
 tem calma! Fica aqui a viver ao lado de Zenófila!

179. DO MESMO

Sobre Eros

Sim, Eros! Por Cípris que vou atirar tudo ao fogo,
 o teu arco, as flechas e essa aljava da Cítia.
 Ai vou, vou! Porque ris sem razão e zombas de mim
 levantando o nariz? Já vais rir com vontade!
 Vou cortar-te essas aladas extremidades dos Desejos,

¹⁰⁶ I.e., o Oceano. Todos os elementos naturais recusam a paternidade de Eros, assunto que não era claro na mitologia grega. Vd. supra, núm. 177 (vv. 5-6). É clara a referência a Ulisses, que assim responde a Polifemo (*Odisseia* 9.366-367).

vou aferrar os teus pés em entraves de bronze!
 Assim conseguirei vitória Cadmeia¹⁰⁷, se junto ao coração
 te acorrentar, qual lince no meio de um rebanho.
 Vai-te, ser invencível! Pega nas tuas sandálias aladas
 e vai bater as asas velozes para junto de outros.

180. DO MESMO

Sobre Eros, porque tem a Afrodite por mãe, e nenhum pai, mas está cheio de todos os males

Qual o espanto que Eros, praga dos mortais, lance flechas
 que respiram fogo e sorria cruel, de olhos brilhantes?
 Não amou a mãe dele Ares, não foi ela a esposa de Hefesto,
 sendo, portanto, uma mistura de fogo e ferro?
 E a mãe de sua mãe, a água do mar, não grita ela, selvagem,
 ao sopro dos ventos? O pai é ninguém, filho de ninguém¹⁰⁸.
 Por isso, os fogos dele são de Hefesto, à cólera das ondas a sua
 se assemelha, e de Ares tem armas sujas de sangue.

181. DE ASCLEPÍADES

Este não é erótico, antes sobre negócios e cheio de festa

– Vai buscar uns [enchidos da Cária] – Ui, isso quando virá?!
 – ... mais cinco grinaldas de rosas. – Vá, já chega!
 – Não tens dinheiro, dizes? Estamos feitos! Não há quem
 destrua este Lápita¹⁰⁹? Temos pirata, não escravo!
 Não me roubas nada, tu? Apresenta-me as contas! Vem cá, Frine,
 traz as pedrinhas de contar! Ah, este grande matreiro!
 Cinco dracmas de vinho, outras duas de [...],

¹⁰⁷ I.e. Tebana, ou seja, bem sucedida.

¹⁰⁸ Vd. supra, núm. 177 (vv. 5-6). É clara a referência a Ulisses, que assim responde a Polifemo (*Odisseia* 9.366-367).

¹⁰⁹ I.e. “este fala-barato”.

orelhas, lebres, cavalas, [bolos de sésamo], favos de mel. Amanhã contamos tudo como deve ser. Agora, vai a casa de Escra, a perfumeira, e leva cinco moedas de prata; diz-lhe como senha que Bácon a beijou cinco vezes seguidas¹¹⁰, e que por isso a sua cama foi citada como testemunha.

182. DE MELEAGRO

Erótico e cheio de loucura

Vai-lhe dizer isto, Dorcas! Atenção, repete e de novo di-lo por terceira vez, Dorcas, tudinho! Corre, não tardes, voa! Rápido, rápido Dorcas! Espera Dorcas! Onde vais a correr, antes de aprender bem tudo? Acrescenta ao que disse antes, ou melhor, que tonto sou! não digas nada! – Mas é que... – Pronto, diz tudo; diz tudo sem ocultar nada. Mas porque raio, ó Dorcas, te envio, se vejo que vou ter que ir contigo?

183. DE POSIDIPO

E mais um, cheio de festa e negócios

São quatro os convivas, e cada qual traz a sua amada. Para os oito que somos, bastará um de Quíos? Escravo, corre a casa de Arístio, diz-lhe que primeiro mande um meio-cheio! Há de dar-nos para dois bem cheios, penso eu, até para mais¹¹¹. Vamos, corre! Combinámos encontrar-nos todos às cinco.

¹¹⁰ Pede ao escravo que vá buscar cinco prostitutas, uma para um dos convivas, para quem antes (v. 2) se encomendava igual número de grinaldas.

¹¹¹ A referência é a um recipiente próprio para transportar vinho, o de Quíos em concreto – o mais reputado vinho entre os Gregos. Vinho que seria depois misturado com água, no caso quadruplicando a quantidade.

184. DE MELEAGRO

Sobre uma prostituta mentirosa

Já sei, não me enganas! Que mais os deuses! Não me enganas,
 já sei! Não te desculpes mais. Já sei de tudo.
 Com que então foi isso, mentirosa? Só, voltaste a dormir só?
 Cara de pau! Agora, ainda agora ela diz “sim, só!”.
 Esse gabarolas do Cléon não te...? E se não... Que ameaças faço?
 Fora daqui, rápido, animal malvado da cama, fora!
 Mesmo assim te faço grande favor – bem sei que queres
 voltar a vê-lo. Fica antes aqui, como prisioneira!

185. DE ASCLEPIÁDES

Para uma prostituta; pagamento

Vai-me ao mercado, Demétrio, e pede a Amintas
 três cavalas e uma dezena de carapaus¹¹²,
 e as gambas, bem gordinhas, conta-as tu mesmo,
 apanha duas dúzias e vem-te embora.
 Em casa de Taubório apanha umas seis grinaldas...
 e, de caminho, chama num instante a Trífera!

186. DE POSIDIPO

Sobre a prostituta Filénis

Não penses que me engana a fraude dessas lágrimas, Filénis!
 Eu sei: não amas absolutamente ninguém além de mim,
 o tempo todo que estás deitada a meu lado. Mas se outro acaso
 te possui, tu lhe dizes que o amas mais do que a mim.

¹¹² Os peixes do original não são identificáveis, pelo que usámos o nome de dois peixes mais comuns.

187. DE MELEAGRO

Diz a Licénis, Dorcas: “Vê como, no teu amor fingido,
foste presa; o tempo não oculta um amor falso.”

188. DE LEÓNIDAS

Sobre Eros e o seu arco

Não sou culpado contra Eros! Sou um doce, tomo por testemunha
a própria Cípris. Mas se sou atingido pelo seu pérfido arco,
todo eu viro então cinza. Uma flecha ardente depois de outra flecha
ardente ele lança, sem descanso no arremesso dos dardos.
Eu, um mortal, surpreendi o malandro dentro¹¹³, e se o deus
[é mortal,
serei vingado. Serei acusador e arguido ao mesmo tempo.

189. DE ASCLEPÍADES

A noite é longa, invernal, anoitece a meio-caminho das Pléiades,
e eu passo pela sua porta, encharcado da chuva,
tomado de desejo por essa pérfida. Não, não foi um amor,
antes flecha dolorosa de fogo que me deu Cípris.

190. DE MELEAGRO

Sobre o muito penetrante Eros

Espuma amarga de Eros, ventos indomáveis
do ciúme, pélogo tempestuoso dos festins,
onde me levais, de todo perdido o freio da razão?
Outra vez hei de enfrentar a doce Cila¹¹⁴?

¹¹³ Ou seja, está legalmente autorizado a matá-lo, por flagrante delito.

¹¹⁴ Metáfora náutica. Cila, o rochedo da Sicília, simbolizava juntamente com Caríbdis os maiores perigos da navegação.

191. DO MESMO

Sobre uma prostituta malvada; cheio de ciúmes e loucura

Ó Estrelas, ó Lua que tão bem iluminas os amantes,
 ó Noite e tu, instrumento¹¹⁵ que acompanha os festins,
 encontrarei acaso essa desavergonhada ainda na cama,
 acordada junto à lamparina e chorando muito?
 Ou terá já companhia no leito? À sua porta, morto
 entre lágrimas, pendurarei as grinaldas de súplica,
 nas quais se lerá: “Para ti, Cípris, Meleagro, sacerdote
 das tuas festas, colgou os despojos da sua paixão.”

192. DO MESMO

Sobre Calístio

Quando calhes de ver Calístio nua, estrangeiro, dirás:
 “Foi trocada a letra dupla¹¹⁶ dos Siracusanos”

193. [DE DIOSCÓRIDES]

Sobre Cleo, a sua amada

A doce Cleo aprisionou-me, Adónis, quando os seus seios,
 brancos como o leite, agitou na tua festa noturna¹¹⁷.
 Queira ela outorgar-me tal favor, caso eu morra, sem hesitar!
 Que me tome e leve como companheiro de viagem!

¹¹⁵ O plectro, com que se tocava a lira.

¹¹⁶ A “letra dupla” seria o χ (-ch-), letra de dois traços cuja invenção tradicionalmente se atribuía a Epicarmo de Siracusa. Substituindo esta o -t- do nome da moça, temos *Challischion* (“a de belas ancas”).

¹¹⁷ Parte da celebração das Adónias consistia em lamentar, como num funeral, a morte do herói, seguindo os preceitos fúnebres – entre os quais o golpear do próprio peito. Cf. núm. 53 e nota.

194. [DE POSIDIPO OU] ASCLEPÍADES

Sobre a moça Irene [sic], uma menina

Os próprios Amores contemplaram a adorável Irénio
quando saíam dos tálamos dourados de Afrodite,
rebento sagrado da cabeça aos pés, um prodígio forjado
em mármore, carregada de graças virginais;
muitas setas lançaram aos rapazes com as suas mãos,
desde a corda cor de púrpura dos seus arcos.

195. DE MELEAGRO

Sobre a sua amada Zenófila

As três Graças [entrelaçaram] tríplice grinalda
para Zenófila, símbolo de tríplice beleza;
uma pôs-lhe desejo na pele, a outra o charme
na forma, a última o doce-falar na voz.

195 *BIS*.¹¹⁸

Três vezes afortunada aquela cuja cama fez Cípris,
as palavras a Persuasão e Eros o doce encanto.

196. DO MESMO

Sobre Zenófila

A Zenófila Eros deu a beleza, Cípris a sedução
aliada do leito, e as Graças a sua graça.

¹¹⁸ Este epigrama e o anterior, duas peças em **P**, têm sido considerados pelos editores um só poema.

197. DO MESMO

Sobre as prostitutas Timo e Demo

Pelos cachos de cabelo amorosos de Timo de belas tranças,
 pela pele perfumada e que engana o sono de Demo,
 pelos jogos amáveis de *Helinha*¹¹⁹, pela lamparina desperta
 que sempre vê a consumação das minhas festas!
 Pouco alento, Eros, tenho de sobra nos meus lábios;
 se também esse queres, fala, e hei de cuspi-lo.

198. DO MESMO

Sobre Heliadora, Timário, Anticleia e Doroteia

Não, pelos cabelos de Timo, pela sandália de Heliadora,
 pelo portal da *Demozinha*¹²⁰ que exala perfumes,
 pelo doce sorriso de Anticleia de olhos de vaca¹²¹
 e pelas grinaldas recém-colhidas de Doroteia,
 já não esconde setas aladas, [para outros] pelo menos,
 a tua aljava, Eros! Em mim estão todos os dardos.

199. DE HÉDILO

Sobre a prostituta Aglaonice

O vinho e os brindes traiçoeiros mandaram Aglaonice
 para a cama, isso e o doce amor por Nicágoras,
 ela que dedicou a Cípris os despojos todos dos desejos
 de rapariga, húmidos ainda dos perfumes,

¹¹⁹ No original, *Iliados* tem sido interpretado não como uma alusão à Guerra de Troia, mas como um diminutivo de Heliadora – daí a tradução.

¹²⁰ No original, *Demarion* deve tratar-se de um diminutivo para Demo, a prostituta muitas vezes referida (e.g. núms. 160, 172, 173, 197), da mesma forma que Timo pode ser a Timário dos núms. 96 e 204.

¹²¹ Epíteto (muito elogioso) da beleza feminina, comum como atributo de Atena.

as sandálias e o corpete delicado, sustento de seus seios,
testemunhos do seu sono e dos ataques de ira.

200. ANÓNIMO

Sobre uma jovem chamada Alexo

O açafraão¹²² de Alexo, as cintas que ainda exalam
perfume e as grinaldas verde-escuras de hera
ao doce Priapo, cujo olhar feminino a todos derrete,
são dedicados, recordação da sagrada vigília¹²³.

201. ANÓNIMO

Sobre uma prostituta chamada Leôntis

Leôntis ficou acordada até ao despontar do belo luzeiro
da manhã, trocando prazer com o dourado Esténio,
e desde essa noite está aqui pendurada, no altar de Cípris,
a lira que com as Musas ela então tocava.

202. DE ASCLEPÍADES [OU POSIDIPO]

Sobre a prostituta Plango

Este chicote purpúreo e as estas rédeas brilhantes
Plango as dedicou ao pórtico de belos cavalos¹²⁴,
tendo ela vencido na corrida a belicosa Filénis,
quando, de tarde, os cavalos já relinchavam.
Cípris amada! Pelo seu triunfo concede-lhe glória
autêntica, tornando sempiterno o teu favor.

¹²² Falta o substantivo para o adjetivo *krokos*, que significa “da cor de açafraão”, embora a referência a qualquer parte do vestuário seja óbvia.

¹²³ A própria festa orgiástica, que mesmo nos seus aspetos mais licenciosos era tida como ritual.

¹²⁴ Deve tratar-se do templo de Arsínoe, filha de Berenice I e esposa de Ptolemeu Filadelfo, mulher que, após a sua morte, foi divinizada com o nome de Afrodite-Arsínoe (cf. Calímaco, epigr. 5).

203. DE ASCLEPÍADES

Sobre Lisídice

Lisídice, Cípris, dedicou-te o seu chicote de cavaleira,
 espora dourada da sua perna bem moldada,
 com o qual incitou o dorso de muitos cavalos; a sua coxa
 jamais ruboresceu, tão ligeira ela montava;
 sempre concluía a corrida sem necessitar de estímulo¹²⁵;
 colgou agora este objeto de ouro na tua porta do meio.

204. DE MELEAGRO

Sobre a prostituta Timário; injurioso

Não mais pode o remo de Cípris tornar navegável
 o casco de Timário, outrora elegante batel;
 as costas se lhe vão curvando, qual verga no mastil,
 como cabos caídos são os seus cabelos brancos,
 os seios flácidos como velas que pendem ociosas
 e a maresia já lhe incrustou o ventre de rugas;
 por baixo o batel está cheio de água, por um buraco
 o mar entra e os joelhos tremem com a maresia.
 Infeliz aquele que em vida a atravessasse, embarcado
 nesta velha galera, o lago de Aqueronte¹²⁶!

205. ANÓNIMO

Sobre Nico; é um poema votivo

Este amuleto¹²⁷ de Nico, capaz de do outro lado do mar

¹²⁵ Sob a forma de um epigrama votivo, o poeta desenvolve uma metáfora hípica dos talentos desta prostituta, que sempre soube excitar o seu *garanhão* sem que ela mesma necessitasse de qualquer estímulo.

¹²⁶ O lago cuja travessia conduzia ao Hades. O epigrama desenvolve a comparação de uma prostituta já velha com uma embarcação frágil e igualmente deteriorada. Cf. núm. 161 (de Asclepiades).

¹²⁷ No original, trata-se de uma pequena roda presa por um cordão ao pescoço, usado como amuleto para atrair o ser amado.

trazer um homem, e os rapazes das alcovas,
 incrustado em ouro e talhado em ametista transparente,
 te é consagrado, Cípris, amável oferenda,
 pendurado ao meio por delicado fio de lã purpúrea,
 presente de agradecimento da maga de Larissa.

206. DE LEÓNIDAS

Sobre Melo e Sátira, flautistas

Melo e Sátira, mulheres já maduras, as filhas de
 Antigénidas e amáveis servidoras das Musas.
 Às Musas Pimpleias¹²⁸ dedicou Melo a sua flauta
 de ágil sopro, junto com o estojo de madeira;
 e a amorosa Sátira a sua companheira vespertina
 dos banquetes, essas canas unidas¹²⁹ com cera,
 o doce assobio com que, após uma noite em vela,
 via a aurora pelas portas, sem se impacientar.

207. DE ASCLEPÍADES

Sobre Bito e Nânio

Bito e Nânio, de Samos, recusam agora o império
 de Cípris e a observância das suas leis,
 desertando para outro, não belo. Soberana Cípris!
 Castiga as fugitivas do teu leito de amor.

¹²⁸ Pimpleia era um lugar de culto das Musas na Piéria, perto do Monte Olimpo.

¹²⁹ Esta flauta (a *syrinx*), diferente da anterior (o *aulos*, constituído por dois tubos tocados em simultâneo), era na verdade formada por várias canas coladas com cera. É facilmente reconhecível na iconografia, associada ao contexto do pastoreio.

208. DE MELEAGRO

Contra a atração por rapazes

Não sofre o meu coração por rapazes; que prazer há, Amores,
 em atracar-se a macho que nada dá e só quer receber?
 Uma mão lava a outra! Eu sou mais de companhia feminina,
 longe de todo o macho e das suas coxas de macho.

209. DE [POSIDIPO OU] ASCLEPÍADES

Sobre uma moça chamada Nico

Na areia da tua praia, Citereia¹³⁰, Cleandro viu
 Nico, quando nadava nas ondas azuladas,
 e, inflamado por Eros, ao seu coração trouxe o rapaz
 não mais que carvão seco da rapariga molhada.
 Ele em terra, náufrago; e ela, que afrontava o mar,
 era recebida por essas margens hospitaleiras.
 Agora, um mesmo voto de amor os une; não foram
 em vão as preces formuladas nesta praia.

210. DE ASCLEPÍADES

Sobre Dídima

[Com o olhar] Dídima raptou-me! Pobre de mim!
 Como cera ao fogo, derreto ante tal beleza.
 É negra? E então? Também os carvões; mas estes,
 uma vez acesos, brilham como botões de rosa.

211. DE POSIDIPO

Acerca do estado de amores

Lágrimas e festins, porque me empurrais, antes que meus pés

¹³⁰ A praia (e o mar) são de Afrodite na medida em que a deusa nasceu da espuma das ondas.

estejam fora do fogo, para outra fornalha de Cípris?
Porque não me deixo de amores, e sempre o Desejo incansável
me consegue um novo padecimento de Afrodite?

212. DE MELEAGRO

Também isto é o prato do dia do amor

Sem cessar me entra pelos ouvidos a voz de Eros, e em silêncio
os meus olhos oferecem uma lágrima doce aos Desejos.
Nem a noite nem o dia me acalmam, e pelos seus feitiços
[de amor
tenho já no coração uma bem conhecida marca.
Amores alados! Acaso sabeis apenas esvoaçar contra mim,
mas não sois capazes de esvoaçar daqui para fora?

213. DE POSIDIPO

Sobre Pitíade

Se Pitíade está com alguém, dou meia-volta! Mas se dorme,
sozinha por um instante, por Zeus, vai chamá-la!¹³¹
Como senha, diz-lhe que já bêbado e por entre ladrões
eu cheguei, tendo a Eros inflexível como guia.

214. DE MELEAGRO

Sobre Heliadora

Alimento um Amor que joga à bola. E a ti, Heliadora,
ele atira o coração que me palpita no peito.
Vamos, aceita que brinque contigo! Vê tu se atiras
um desejo: não vou tolerar batota no jogo!

¹³¹ À porta da casa da meretriz, o amante pede à criada que a chame.

215. DO MESMO

Sobre Heliodora, por causa do amor por ela

Suplico-te, Eros, que o meu amor insone por Heliodora
adormeças, honrando a minha Musa suplicante.

Pelo teu arco, que não aprendeu a atirar contra outro
e sempre me está a lançar as suas flechas aladas,
caso me mates, deixarei ao partir estas letras falantes:

“Contempla, estrangeiro, uma vítima de Eros!”¹³²

216. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Demonstrativo acerca de como se deve amar

Se amas, não permitas que o teu coração se curve
por completo, regado por súplicas de azeite.

Sê reservado nos sentimentos, o bastante para erguer
o sobrolho e olhá-la com condescendência.

Costumam as mulheres desprezar os orgulhosos
e rir às gargalhadas dos que lhes dão pena.

O amante perfeito é aquele que sabe misturar ambas,
condescendência e um pouco de arrogância.

217. DE PAULO SILENCIÁRIO

Porque as mulheres gostam tanto de ouro

Feito ouro, Zeus cortou o nó de virgindade intocada,
penetrando nos aposentos brônzeos de Dânae.

Para mim, a história significa isto: muros de bronze
e correntes, vence-os o ouro que tudo domina¹³³.

O ouro dissolve todas as amarras, todos os grilhões,

¹³² Fórmula comum para o primeiro verso de um epítáfio.

¹³³ A mesma interpretação do mito de Dânae pode ler-se no núm. 31 (de Antípatro de Tessalónica).

o ouro submete as mulheres de sobrolho altivo;
e domou o espírito de Dânae. Um amante não precisa
suplicar à deusa Páfia, se tem dinheiro consigo.

218. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Sobre Polémon, que cortou o cabelo à esposa por causa da sua traição

O soberbo Pólemon, o que na peça de Menandro
cortou os cabelos da esposa Glicera,
um Pólemon mais jovem o imitou, com suas mãos
muito insolentes devastou os cachos de Rodante
e, as penas trágicas transformando em registo cómico,
flagelou os membros dessa jovem delicada.
Ó ato de ciúmes! Qual a grande culpa da moça,
por querer apiedar-se da minha aflição?
Miserável! Separou-nos um do outro, e a inveja
ardente do seu olhar entre nós se interpôs.
Seja como for, é ele o *Fulano Odiado*; quanto a mim,
um *Díscolo*¹³⁴ por não ver essa *Tosquiada*.¹³⁵

219. DE PAULO SILENCIÁRIO

Sobre Ródope

Roubemos, Ródope, nossos beijos, e o amável
e sempre conflituoso labor de Cípris!
Que doce escapar aos guardas, evitar o olho que tudo vê:
mais doce é cama oculta que às claras.

¹³⁴ Literalmente, o título significa “o mal-humorado”.

¹³⁵ Três títulos de obras de Menandro, das quais apenas conservamos na íntegra a segunda. Vd. o mesmo recurso em AP 12.233 (de Frontão).

220. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Acerca de um tal Cleobulo, que cortou os cabelos de uma concubina

Se agora os cabelos brancos te acalmaram, e o aguilhão
 incandescente da tua fúria amorosa já se foi,
 devias, Cleobulo, recordando as paixões de juventude,
 compadecer-te dos sofrimentos dos mais jovens,
 não te irritares com coisas banais nem assim despojar
 por completo uma moça delicada dos seus cabelos¹³⁶.
Como um pai te via antes, essa jovem desgraçada,
 mas agora de súbito te volveste seu *inimigo*.¹³⁷

221. DE PAULO SILENCIÁRIO

Manias do amor

Até quando, ocultando o nosso olhar inflamado,
 lançaremos um ao outro miradas furtivas?
 Proclamemos abertamente nossas penas, e caso alguém
 se oponha a essa união, termo das nossas dores,
 a espada será o remédio de ambos. É para nós doce,
 sempre, a partilha, da vida como da morte.

222. DE AGÁTIAS

Sobre Ariadne, atriz e citarista

Sempre que esta moça toca a harpa com o plectro,
 rivaliza com as cordas de Terpsícora;
 sempre que em ritmo trágico ela coloca a voz,
 o tom da própria Melpomene¹³⁸ é plasmado.

¹³⁶ Referência à mesma prostituta do núm. 218.

¹³⁷ No original existe um jogo de palavras entre *Antipatros* (nome próprio e lit. “como um pai”) e *Antipalos* (nome próprio e lit. “inimigo”).

¹³⁸ Melpomene é a musa do canto, e Terpsícora, dois versos antes, a

E se houvesse um concurso de beleza, a própria Cípris
seria vencida, mesmo que fosse Páris o juiz.
Silêncio a nosso respeito! Não nos ouça Dioniso,
e vá ter ciúmes da cama desta Ariadne¹³⁹.

223. DE MACEDÓNIO

Sobre Ariadne, atriz e citarista

Estrela da manhã! Não oprimas Eros, nem aprendas,
vizinha de Ares que és, a ter coração impiedoso.
Como outrora, vendo Faetonte na alcova de Clímene¹⁴⁰,
não correste de pés velozes rumo ao Nascente,
também esta noite, que tanto desejei que surgisse,
chega tu sem pressa, como entre os Cimérios¹⁴¹.

224. DO MESMO

Deixa-me, Eros, o coração e o fígado¹⁴²! Se atingir-me
é o teu desejo, passa para outra parte do corpo.

225. DO MESMO

Sobre o amor, ou do muito que se sofre pela loucura de amor
É chaga o amor que tenho: da chaga corre sangue,
feito lágrima, e a ferida nunca sara.

da dança.

¹³⁹ O nome da atriz lembra ao poeta o da figura homónima do mito, amada por Dioniso.

¹⁴⁰ Esposa de Mérops, rei da Etiópia, a quem Hélios (o Sol, aqui tomado pelo nome do seu filho Faetonte) se uniu no leito.

¹⁴¹ Já na *Odisseia* (11.14 ss.) se diz que o país dos Cimérios, nos limites do Oceano, nunca via nascer o sol. O tema da demora desejada da manhã é, de resto, comum ao epigrama erótico hétero e homoerótico, e foi tratado, em ambos os registos, por exemplo por Meleagro (e.g. núm. 172; *AP*. 12.173).

¹⁴² Considerado a outra morada corpórea das paixões.

Não tem remédio a minha desgraça, e nem Macáon¹⁴³
 me aplicaria o suave remédio de que necessito.
 Sou Télefo, moça – sê tu o meu Aquiles¹⁴⁴ de confiança!
 Com a tua beleza acalma o meu fogo, como o ateaste.

226. DE PAULO SILENCIÁRIO

Sobre os fundamentos do amor

Olhos meus! Até quando derramareis o néctar dos Amores,
 vós, ousados bebedores da beleza sem mistura¹⁴⁵?
 Fugamos, o mais longe que a força permita! Já tranquilo,
 libações sem vinho farei a Cípris, doçura de mel¹⁴⁶.
 Mas se, mesmo nesse lugar, for possuído pela cólera,
 sede vós inundados de lágrimas cruentas,
 suportando justo castigo sem fim! É por culpa vossa,
 sim, que caí em semelhante fornalha de fogo.

227. DO CÔNSUL¹⁴⁷ MACEDÓNIO

Acerca da mulher amada

Vindima-se a cada ano, e ninguém, quando colhe
 as uvas, mostra desdém pelas gavinhas¹⁴⁸.
 Tu, a de róseos braços, o objeto da minha devoção,
 enlaço-te no abraço suave dos meus braços

¹⁴³ Filho de Asclépio, portanto divindade da medicina.

¹⁴⁴ Télefo, na viagem para Troia, fora ferido pela lança de Aquiles, a mesma que havia de curá-lo, advertidos os Gregos de que não lograriam tomar a cidadela sem antes resolver essa pendência. O tema é também usado por Paulo Silenciário (vd. infra, núm. 291).

¹⁴⁵ Como o vinho, que sem mistura (*akratos*) era sinal de excesso.

¹⁴⁶ O original serve-se de um epíteto (*Melichios*) mais frequentemente aplicado a Zeus, Dioniso, Ártemis ou as Musas.

¹⁴⁷ Macedónio nunca foi de facto cônsul, mas tal condição dignatária era frequentemente atribuída a personagens conhecidos.

¹⁴⁸ Imagem das rugas.

e vindimo o amor. Outro verão, outra primavera¹⁴⁹ não sei
 esperar, pois para mim és toda cheia de graças.
 Para sempre dure o teu viço! Mas, caso a gavinha caprichosa
 de uma ruga te atinja, suportarei, tanto te amo.

228. DE PAULO SILENCIÁRIO

Sobre Ródope, já mulher

Diz-me porque entrelaças ainda os cabelos, e as mãos
 ainda embelezas, limando a ponta das unhas?¹⁵⁰
 Para quê adornas o manto com a púrpura dos mares,
 se não mais vais aproximar-te da bela Ródope?
 Com estes olhos, com que já não vejo Ródope, não quero
 sequer olhar o fulgor dourado da brilhante Aurora!

229. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Sobre Evipe

Certa vez, vendo Níobe a chorar, admirou-se um pastor
 que pudesse uma rocha derramar lágrimas.¹⁵¹
 Mas de mim, que me lamento pela escuridão sombria de noite
 tão larga, não se compadece o coração de Evipe, rocha viva.
 Em ambos casos é culpado o amor, que a Níobe causou
 a dor pelos filhos, e a mim a minha paixão.

230. DE PAULO SILENCIÁRIO

Sobre a prostituta Dóris

Dóris, arrancando um só fio da sua cabeleira dourada,

¹⁴⁹ I.e., por outra mulher que esteja no auge do seu viço, ou um pouco mais velha, mas ainda apetecível.

¹⁵⁰ Dístico imitado por Tibulo (1.8.9-10).

¹⁵¹ Níobe vangloriara-se de ter uma descendência melhor e mais numerosa do que Leto, que apenas tinha dois filhos (Apolo e Ártemis). Para se vingar da insolência da mortal, a deusa ordenou aos seus filhos divinos que matassem os filhos mortais de Níobe. Para aplacar a sua dor, Zeus transformou-a num rochedo, do qual jorrava uma nascente.

como se fosse seu prisioneiro me atou as mãos.
 A princípio ri às gargalhadas, julgando que seria fácil
 livrar-me dos grilhões da adorável Dóris.
 Porém, sem forças para me soltar, comecei a gemer,
 como se amarrado pelo bronze inquebrantável.
 Agora, três vezes infeliz, estou preso por um fio de cabelo,
 atrelado aonde onde me leve a minha senhora.

231. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Sobre uma citarista

Floresce com as Graças a tua boca, com flores a tua face,
 com a Páfia os teus olhos e com a cítara as tuas mãos.
 Com os olhos roubas a luz dos olhos, e com o canto os ouvidos;
 com todo o corpo, enfim, caças os desgraçados rapazes!

232. DE PAULO SILENCIÁRIO

*Sobre uma mulher com muitos amantes: Hipómenes, Leandro
 e Xanto*

“Ao beijar Hipómenes, tenho a mente em Leandro;
 se aos lábios de Leandro estou colada,
 na cabeça tenho a imagem de Xanto; quando abraço
 Xanto, para Hipómenes viro o meu coração.
 Assim, recuso o que tenho entre mãos e, sempre recebendo
 um depois do outro em meus braços generosos,
 atraio amor em abundância. E se por acaso alguém
 me censura, permaneça ele pobre e sozinho!”

233. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Sobre uma mulher inconstante

“Vejo-te amanhã!” Mas o amanhã nunca chega para mim,

e, como de costume, sempre aumenta o atraso.
Assim favoreces aquele que te ama; tens para os outros
outros presentes, mas recusas a minha fidelidade.
“Vejo-te esta tarde!” Mas o que é a tarde das mulheres?
A velhice, toda cheia de incontáveis rugas.

234. DE PAULO SILENCIÁRIO

Sobre o que é subjugado pelo amor mais tarde ao começar a amar

Eu, que outrora de coração inflexível, quando era jovem,
recusei vergar-me à doce lei da enlouquecedora Páfia,
eu, outrora imune aos dardos que deslaçam os membros
dos Amores, curvo-me ante ti, Cípris, já meio grisalho.
Acolhe-me entre risos, pois vences de facto a sábia Palas,
hoje mais que antes pela maçã das Hespérides.¹⁵²

235. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Invocação a uma moça

Vieste, como era meu desejo, mas já não contava; com espanto
revolveste a imagem que tinha no meu espírito,
e todo eu tremo; o coração agita-se bem fundo de paixão,
e a alma é afundada no meio das ondas de Cípris.
Salva-me pois, um naufrago que surge em terra firme,
e concede receber-me dentro¹⁵³ do teu porto.

¹⁵² O tema mítico do Julgamento de Páris, aqui como símbolo do triunfo do amor (Afrodite) sobre a razão (Atena).

¹⁵³ Se a metáfora náutica é frequente nos epigramas de amor (e.g. núms. 11, 161, 219), pode neste verso estar implícita uma imagem mais crua da penetração.

236. DE PAULO SILENCIÁRIO

Sobre uma moça inflexível

Talvez as misérias no Aqueronte do suplício de Tântalo¹⁵⁴
 sejam mais ligeiras do que os meus tormentos!
 Jamais viu a tua beleza, jamais lhe foi negado com os lábios
 tocar o teu lábio, mais suave do que um botão de rosa,
 esse Tântalo versado em lágrimas. Da rocha que sobre a cabeça
 lhe pende tem medo, mas não pode morrer segunda vez.
 Quanto a mim, estando vivo ainda, queimo todo em desejo,
 e graças a esta fraqueza sinto perto a própria morte.

237. DE AGÁTIAS DE MIRINA, O ESCOLASTA

Queixume às andorinhas acerca do amor por Rodante

Toda a noite levo a lamentar-me; e, quando chega
 a aurora, permitindo-me descansar um pouco,
 eis que chilreiam as andorinhas que me lançam
 às lágrimas, levando para longe o doce sono.
 Os olhos se mantêm sem ver, mas a preocupação
 por Rodante de novo me toma o coração.
 Cessai, loquazes ciúmes! Na verdade, não fui eu
 o fulano que cortou a língua de Filomela¹⁵⁵.

¹⁵⁴ Condenado à carestia eterna, submergido no rio Aqueronte até à cintura, perto mas fora do alcance das frutas e da água que lhe fugiam quando tentava comer ou beber. Cf. núm. 246.

¹⁵⁵ Filomela foi violada pelo cunhado Tereu, rei da Trácia, casado com a sua irmã Procne. Para impedir que Filomela denunciasse a violência sofrida, Tereu cortou-lhe a língua. Apesar disso, ela conseguiu informar a irmã do sucedido, bordando uma mensagem num tear. Ao saber do crime do marido, Procne matou o filho do casal, Ítis (ou Ítilo), e serviu a sua carne a Tereu. Para escapar da perseguição de Tereu, as duas mulheres pediram ajuda aos deuses, que as transformam em pássaros – na versão mais divulgada, Filomela em rouxinol, a irmã em andorinha, e Tereu em poupa.

Ide chorar Ítilo para as montanhas, e lamentai-o
pousadas sobre o rochoso ninho da poupa,
para que descanse um pouco! Talvez um sonho venha,
um que me lance nos braços de Rodante.

238. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Outro erótico

Porque está a espada desembainhada? Por ti juro, rapariga,
que não é para cometer nenhum crime contra Cípris,
antes para te mostrar que Ares, apesar da sua violência,
se submeteu também ele às doçuras de Cípris¹⁵⁶.
Esta é a minha companheira no amor, e sequer preciso
de espelho, pois nela eu próprio me vislumbro,
seco por causa do amor. Porém, caso venhas a esquecer-me,
há de esta espada perfurar as minhas entranhas.

239. DE PAULO SILENCIÁRIO

Extinguiu-se a força da chama ardente, e já não sofro,
antes vou morrendo, congelado pela Páfia.
Eis que, depois das carnes, sobre os meus ossos e o coração
avança o amargo Eros, que de um sopro tudo devora.
Assim a chama dos sacrifícios, consumidas todas as vítimas,
sem combustível por si mesma vai arrefecendo.

240. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Com ouro parto em busca do amor. Não é com arado

¹⁵⁶ Afrodite envolvera-se em adultério com Ares, sendo descoberta por Hefesto. A união simboliza a ligação entre o amor e a violência, além da onnipotência do amor, que todos os deuses e todos os sentimentos domina. O epigrama alude aos atos de violência que seriam frequentes neste tipo de relação de concubinato.

nem picareta que se faz o labor das abelhas,
mas com orvalho primaveril. Assim, do mel da Filha da espuma¹⁵⁷
é o ouro o seu muito industrioso artífice.

241. DE PAULO SILENCIÁRIO

“Adeus” te estava para dizer, mas recuo e contenho
essa palavra, e de novo fico junto a ti.
Ante a terrível separação de ti estremeço, como
ante a malograda noite do Aqueronte¹⁵⁸.
Como a luz do dia é a tua luz; mas, se a primeira
é silenciosa, tu tens essas falinhas mansas,
mais doces que as das Sereias, das quais pendem
as esperanças todas desta minha alma.

242. DE ERASTÓTENES, O ESCOLASTA

Ao ver Mélite, fiquei branco: do marido estava ela
acompanhada. Assim lhe falei a tremer:
“Poderia, acaso, arrancar os ferrolhos da tua porta,
projetando a cavilha dos meus dois batentes,
e entre duas paredes penetrar em solo humedecido,
fixando no meio a ponta da minha chave?”¹⁵⁹
Diz-me ela às gargalhadas, olhando o marido de soslaio:
Fica longe da minha porta, não vá matar-te o cão!

243. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Esta moça, que só sabe rir, sonhei uma noite
que a tinha apertada nos meus braços.

¹⁵⁷ Etimologia do nome de Afrodite, a “nascida da espuma do mar”.

¹⁵⁸ I.e. a morte.

¹⁵⁹ Linguagem obviamente simbólica.

Entregava-se toda a mim, incapaz de resistir
 ao toque do meu corpo de mil carícias.
 Mas Eros é só ciúme! Uma noite, estando à coca,
 despertou-me o desejo, levando o sono.
 É que Eros, mesmo em tais fantasias noturnas,
 inveja o prazer de um doce encontro.

244. DE PAULO SILENCIÁRIO

Longos e ruidosos os beijos de Galateia, suaves os de Demo,
 os de Dóris mordedura. Quais os mais excitantes?
 Não julguem os ouvidos os beijos; quando enfim saborear
 esses lábios selvagens¹⁶⁰ depositarei o meu voto.
 Estás enganado, coração! Já conhecias os beijos suaves
 de Demo, e o doce mel da sua boca orvalhada.
 Fica com eles – é sua a vitória sem suborno! E se alguém
 com outra se regozija, de Demo não me vou afastar.

245. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

Dás risadas, soltando relinchos qual égua a caminho do jugo,
 e acenas-me de soslaio; com tudo me excitas em vão.
 Jurei, com três pedras jurei, a tal moça de mal-amar
 jamais dirigir uma mirada doce como o mel.
 Brinca aos beijos sozinha, em vão mordisca-te a ti mesma
 com esses lábios nus, não colados a ninguém!
 Eu cá tomo outro caminho. Há por certo outras, por aí,
 que são melhores obreiras das lides de Afrodite.

¹⁶⁰ I.e. os de Dóris, que mordem ao beijar (v. 2).

246. DE PAULO SILENCIÁRIO

Suaves são os beijos de Safo, suaves são os aconchegos
 dos seus braços de neve, suave o seu corpo todo,
 mas a alma dura como o aço¹⁶¹. Os seus lábios são limite
 para o amor, tudo o mais pertence à sua virgindade.
 Pode alguém suportá-lo? Talvez, talvez o que isso suporte
 possa facilmente suportar a sede de Tântalo¹⁶².

247. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

És *Constança*¹⁶³, mas na prática não! Ouvi o teu belo nome
 e pensei que sim, mas és mais cruel que a morte.
 Foges de quem te ama, e quem não te ama tu persegues,
 para dele também fugires quando por fim te ame.
 A tua boca é anzol de louco aguilhão, e eu, ao mordê-la,
 fiquei pendurado desses teus lábios rosáceos.

248. DE PAULO SILENCIÁRIO

Ó mão que tudo ousas! Ousaste tu arrastá-la, agarrando
 com força uma madeixa toda-ouro do seu cabelo?
 Ousaste? Não acalmou a tua audácia o seu grito angustiado,
 o cabelo desalinhado, o pescoço suavemente inclinado?
 Em vão me bates agora na testa com golpes repetidos;
 não mais a tua palma há de tocar os seus seios.
 Suplico-te, senhora, não me dê semelhante castigo!
 Com mais agrado suportaria eu uma espada.

¹⁶¹ Lit. “como o adamante”, considerado pelos Gregos o mais duro metal. Esta Safo apenas partilha o nome com a poetisa de Lesbos.

¹⁶² Cf. núm. 236 e nota ao v. 1.

¹⁶³ O nome grego da jovem, Parménis, recorda o verbo *paramenein* (“ser fiel”), daí a nossa tradução.

249. DE IRENEU, O REFERENDÁRIO¹⁶⁴

Ó soberba Ródope, submetida às flechas da Páfia
e despojada do arrogante orgulho de antes!
Segurando-me nos braços me tens junto à tua cama,
e jazo acorrentado, sem saudades da liberdade.
É assim que a alma e os lascivos corpos dos mortais
se fazem um só, unidos na corrente do amor.

250. DE PAULO SILENCIÁRIO

Que doce, amigos, é o sorriso de Laís! Doces as lágrimas
que lhe caem das pálpebras de ligeiro mover!
Ainda ontem, sem razão, chorava ao pé de mim, com a cabeça
encostada ao meu ombro, onde há muito se apoiava.
Chorava, e eu beijava-a; as suas lágrimas, como o orvalho
de uma fonte, caíam nas nossas bocas misturadas.
Perguntei-lhe então: “Qual a razão das lágrimas que derramas?”
Ela disse: “Receio que me deixes; sois todos mentirosos.”

251. DE IRENEU, O REFERENDÁRIO

Reviras os olhos denunciando um fogo oculto,
desenrolas a ponta dos lábios pintados,
sempre sorrindo agitas os cabelos brilhantes
e as mãos vejo estendidas em súplica.
Mas não cessa o rigor orgulhoso do teu coração,
nem te acalmas, nem agora que já decais.

¹⁶⁴ Trata-se de um funcionário encarregue de mediar entre o Imperador e os particulares ou juristas. No governo de Justiniano (527-565) ascendiam já a 18.

252. DE PAULO SILENCIÁRIO

Tiremos a roupa, meu amor, e um corpo nu
 pegado a outro corpo nu enlacemos.
 Nada se nos interponha: à muralha de Semíramis¹⁶⁵
 se me assemelha até esse vestido delicado.
 Estejam colados peitos e lábios; o resto, um véu
 de silêncio cubra – odeio boca indiscreta!

253. DE IRENEU, O REFERENDÁRIO

Porquê, Crisila, assim te inclinas olhando para o chão,
 e parece que as tuas mãos brincam com a cintura¹⁶⁶?
 O Pudor não vai bem com Cípris! Mas se assim te calas,
 com um gesto mostra-te ao menos submetida à Páfia!

254. DE PAULO SILENCIÁRIO

Jurei, moça de luz, ficar longe de ti, ó deuses,
 até à aurora do décimo segundo dia;
 mas não aguentei, infeliz! A manhã brilhou para mim
 após muito mais que doze luas, juro por ti!
 Suplica aos deuses, meu amor, que não inscrevam
 estas juras nas costas do livro dos meus pecados!
 E conforta-me o espírito com tua graça; não me açoite
 o teu chicote, senhora, nem o dos deuses!

255. DO MESMO

Vi uns apaixonados dominados por frenesim imparável,
 com os lábios colados um no outro largo tempo,
 não havendo saciedade para o seu louco amor. Desejando,

¹⁶⁵ A muralha que os de Semíramis ergueram para cercar a Babilónia.

¹⁶⁶ Gestos de timidez.

se possível, penetrar no coração um do outro,
acalmam só por um pouco a dor do que não pode ser
trocando entre eles as vestes delicadas.
Ele parecia em tudo um Aquiles, como antes, quando
o herói estava no palácio de Licomedes.¹⁶⁷
A moça, envolta numa túnica que lhe caía até ao joelho
de prata, ganhara o aspeto de um Febo¹⁶⁸.
De novo se enredavam seus lábios; uma sede de paixão
insaciável, que devora os membros, os dominava.
Fácil seria separar duas vides de cepa entrelaçadas,
mais fácil, duas criadas juntas em antigo enlace,
do que estes amantes, um entregue aos braços do outro,
completamente unidos em húmidos abraços.
Três vezes feliz, meu amor, o que esses nós enlaçaram,
três vezes feliz! E nós, ardemos separados!

256. DO MESMO

Ontem, Galateia bateu-me com a porta na cara,
e acrescentou esta palavra vergonhosa:
“A insolência acaba com o amor!” Frase tonta que voa!
A insolência só me aumenta a fúria de amar.
Jurei a mim mesmo ficar longe dela durante um ano.
Ai deuses! De manhã já lá estava de suplicante.

257. DE PÁLADAS

Agora acuso a Zeus de ser um mau amante,
ao não se transformar por esta soberba.

¹⁶⁷ I.e. vestido de mulher. Tétis, sabedora que o filho morreria em Troia, disfarçou-o de menina e enviou-o para a corte de Licomedes, rei de Ciro. Aí permaneceu ele até que Ulisses o fora reclamar para combate.

¹⁶⁸ Apolo. Cena de travestismo.

Em beleza, nem de Europa nem de Dânae
 fica atrás, nem da delicada Leda¹⁶⁹.
 Só se ele já não aprecia cortesãs – sei bem
 que ia de sedutor de virgens reais.

258. DE PAULO SILENCIÁRIO

Prefiro, Filina, as tuas rugas ao sumo da juventude
 todo que há! Como prefiro ter nas mãos
 essas tuas maçãs, pendendo com as suas pontas,
 ao peito delicado de uma moça viçosa.
 O teu outono supera a primavera de qualquer outra,
 o teu inverno é mais quente que qualquer verão.

259. DO MESMO

Os teus olhos, que exalam amor, estão pesados, Cariclo,
 como se acabasses de sair de debaixo dos lençóis.
 De cabelos desalinhados, o brilho das róseas maçãs do rosto
 tem agora pálida cor, e o teu corpo já se deixou ir.
 Se levas tantas marcas de teres passado a noite inteira
 a lutar, feliz sobre todos os demais o fulano
 que te teve nos braços! E tu, se acaso te faz derreter
 amor ardente, seja por mim que te consumes.

260. DO MESMO

Uma rede te protege o cabelo? Ardo todo em desejo
 ao ver a imagem de uma Reia com a torre¹⁷⁰.
 Vais de cabeça ao ar? Eu cá, pelos resplendores áureos

¹⁶⁹ Cf. nota ao núm. 64.

¹⁷⁰ Reia (ou Cibele) era, no período bizantino, frequentemente representada acompanhada ou montada sobre uma torre, simbolizando o seu papel na fundação da cidade.

da tua cabeleira saio de mim, de razão ao vento.
Com brancos véus ocultas os teus cachos que caem?
Nada melhor – uma chama toma o meu coração.
A trindade das Graças acompanha o teu tríplice aspeto;
e cada aspeto teu em mim produz fogo próprio.

261. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Não sou muito de vinho; se queres embebedar-me,
prova tu primeiro o copo, que eu aceito.
Se o provaste com teus lábios, então já não é fácil
resistir, nem evitar o docinho do criado.
O copo traz até mim, da tua boca, o teu beijo,
transmitindo-me o favor que recebe.

262. DE PAULO SILENCIÁRIO

Ai, ai de mim! A inveja pôs fim à doçura da tua voz
e ao olhar secreto dessas pálpebras falantes.
O olho da velha que está junto a nós nos paralisa,
como se fosse o boieiro de mil-olhos da de Ínaco¹⁷¹.
Fica aí a espiar! Mas em vão te dás ao trabalho:
o teu olhar não pode atingir-nos a alma.

263. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Jamais, lamparina, ganhes bolor, nem tragas a chuva,
não vás impedir de vir a minha namorada.
Ainda tens inveja de Cípris? É que, quando Hero
se uniu a Leandro¹⁷²... deixa o resto, coração!

¹⁷¹ A filha de Ínaco é Io, que Hera, para evitar que a seduzisse Zeus, transformou em vaca e pôs em fuga pelo mundo, perseguida por Argos, monstro com o corpo coberto de olhos.

¹⁷² A lenda de Hero, uma sacerdotisa de Afrodite que vivia numa torre

Pertences a Hefesto, e sei que, repudiando Cípris,
elogias a desgraça deste teu senhor.

264. DE PAULO SILENCIÁRIO

Porque me castiga este cabelo grisalho, estes olhos húmidos
de lágrimas? Estas as cicatrizes da minha paixão,
as feridas de um amor infeliz, as marcas das flechas,
a soma das lides de uma noite sem dormir.
Já tenho rugas malditas nos flancos, antes de tempo,
e do queixo a pele pende toda flácida.
Quanto mais viçosa a flor da chama, mais o corpo
envelhece pelo cuidado que come os membros.
Tem piedade e concede-me o teu favor! Assim a pele
me voltará a florescer e a cabeça a tingir de negro.

265. DE COMETAS, O CARTULÁRIO¹⁷³

Fílis enviava os olhos em busca de um navio; a promessa
navegava vagabunda – Demofonte não era fiel.
Agora, meu amor, fiel estou aqui junto à praia do mar,
eu, Demofonte; como foste, Fílis, ser-me infiel?

da cidade de Sesto, na margem do Helesponto, e de Leandro, jovem da cidade de Abidos, na margem oposta. Tendo-se apaixonado por Hero, todas as noites o jovem atravessava o estreito ao seu encontro, guiado pela luz que ela acendia no alto de sua casa, até que uma tempestade apagou a chama, fazendo com que se afogasse. Quando Hero viu o cadáver do amado que tinha dado à costa, precipitou-se no mar para se lhe juntar na morte.

¹⁷³ Secretário imperial. Outro que não o Cometas, dito o Gramático, do tempo de Miguel III (autor, entre outros, do epigrama *AP* 15.40, uma reescrita do episódio de Lázaro, como contado pelo evangelho de João).

266. DE PAULO SILENCIÁRIO

Dizem que um homem atingido pelo veneno raivoso
de um cão pode ver na água o reflexo dessa fera¹⁷⁴.
Enraivecido, logo Eros me cravou um dente amargo
e com os seus furores me destruiu o coração.
Pois é a tua imagem brilhante que me mostra o mar,
as correntes dos rios e a taça que me serve vinho.

267. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

– Porque choras? – Amo. – Quem? – Uma moça. – É bonita?
– Bonita me parece ela, a meus olhos pelo menos.
– Onde lhe puseste o olho? – Ali, quando vinha comer
e dei com ela reclinada no mesmo leito que eu.
– Achas que vais ter sorte? – Sim, amigo! Mas não quero
que este amor seja público, não vão roubar-mo!
– Ou seja, foges do casamento legal? – Sei de fonte segura
que é bem insignificante a fortuna que possuí.
– Sabes? Tu não amas, mentes! Pode lá estar louco
de amor um coração que tão bem faz contas?

268. DE PAULO SILENCIÁRIO

Ninguém mais receie a flecha do amor; a aljava
inteira o furioso Eros esvaziou em mim.
Nem receie estar perto das suas asas; desde que pôs
o pé cruel sobre o meu peito e o calcou,
aí permanece, firme e impassível, sem esvoaçar,
tendo por mim cortado o par de asas.

¹⁷⁴ Assim se explicava, popularmente, a hidrofobia dos contaminados de raiva canina.

269. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Vi-me um dia sozinho no meio de duas mulheres,
 apaixonado por uma, à outra fazendo o jeito.
 A que me amava puxou-me; mas eu, como um ladrão,
 com lábios mentirosos beijava a outra,
 enganando a inveja da vizinha, cuja vigilância temia,
 como o anúncio da morte do nosso amor.
 Disse eu baixinho: “Para mim, tanto o ser amado
 como o amar são difíceis, duplo castigo!”

270. DE PAULO SILENCIÁRIO

Como a rosa dispensa grinaldas tu dispensas,
 senhora, vestidos e adornos de pedraria.
 As pérolas cedem à tua pele, o ouro não apaga
 o brilho dos teus cabelos rebeldes.
 O jacinto Índico tem o charme do fogo brilhante,
 mais apagado que o dos teus olhos.
 Os teus lábios molhados de orvalho, e a harmonia
 desses seios de mel, valem a cinta da Páfia¹⁷⁵.

271. DO CÔNSUL MACEDÓNIO

A que tinha o aspeto de uma Bacante entre as mulheres,
 e lasciva dançava ao som das castanholas¹⁷⁶ de ouro,
 tomou-a a velhice e a doença amarga. Os seus amantes,
 que antes a procuravam com súplicas tríplexes,
 agora têm-lhe horror. A lua crescente de antes
 eclipsou-se, e já nunca se chega à conjunção¹⁷⁷.

¹⁷⁵ Cf. nota ao núm. 121 (v.3).

¹⁷⁶ Cf. nota ao núm. 175.

¹⁷⁷ A lua nova, ou seja, quando a terra, a lua e o sol estão aproximadamente em linha reta.

272. DE PAULO SILENCIÁRIO

Os seios dela nas mãos, boca na sua boca, devoro-lhe
o pescoço de prata, com raiva incontrolável.
Mas ainda não tive, toda, a minha deusa da espuma. Esforço-me
em perseguir uma virgem que me recusa a sua cama.
É que ela deu-se metade à Páfia, a outra metade a Atena¹⁷⁸;
e eu, no meio de ambas, cá vou derretendo.

273. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Essa que ostentava outrora a palma de beleza, sacudia
os cachos dos cabelos e avançava orgulhosa,
a que sempre ria às gargalhadas do meu sofrimento,
enrugada de velha perdeu a graça de antes.
Peitos descaídos, sobranceiras baixas, olhar turvo,
lábios que balbuciam uma voz senil.
Digo: as brancas são a Némesis do amor; e dão veredito
justo ao chegar antes para os soberbos.

274. DE PAULO SILENCIÁRIO

O retrato de mim que outrora o matreiro Eros gravou
nas profundezas ardentes do teu coração,
ai, ai, sem aviso prévio o recusaste. E eu que guardo
marcada na alma a imagem da tua beleza!
Hei de mostrá-la a Faetonte ou a Hades, sua bárbara,
lançando contra ti o julgamento do Cretense¹⁷⁹.

¹⁷⁸ I.e., metade delícias, metade pudores, lutas e recusas.

¹⁷⁹ Minos, juiz dos Infernos.

275. DO MESMO

Reclinada em seu sono diurno, a graciosa Menécratis
 repousava, o braço enlaçado sobre a cabeça.
 Ganhei coragem e entrei na sua cama; quando, a meio
 caminho de que se cumprissem os prazeres,
 a moça despertou do sono, com as mãos brancas
 começou a desbaratar-me o cabelo todo.
 Como, mesmo enfurecida, eu cumpria as tarefas do amor,
 completamente inundada em lágrimas disse:
 “Miserável! Tiveste o que querias, isso por que tanto
 ouro das tuas mãos eu tantas vezes recusei.
 Agora vais deixar-me e arranjar outra para te enroscares:
 nunca estais satisfeitos de obras de Cípris!”

276. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Trago este véu para te oferecer, prometida minha,
 brilhante pelo ouro com que está bordado.
 Põe-no sobre o cabelo! Caindo sobre os ombros,
 oferece o tecido aos teus alvos peitos.
 Aos peitos sobretudo, para que te precinte os seios,
 bem apertado e enrolado à volta deles.
 Usa isto enquanto virgem; possas em breve ser
 senhora de luxo, com rica descendência,
 para que possa oferecer-te um diadema de prata
 e uma rede de malhas entrelaçadas de pedras.

277. DE ERASTÓTENES, O ESCOLASTA

Os machos para outro! Eu cá só sei amar mulheres,
 pois conservamo-las em mais longo amor.
 Não há beleza em adolescentes. Odeio esses pelos
 que têm, invejosos, que despontam cedo.

278. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Esta é para mim a Citereia, e os ardentes Amores,
meus inimigos, que ferem o meu coração vazio.
Se machos me der por amar, não seja bem-sucedido
nem escorregue para maiores desgraças!
Bastam as ofensas às mulheres. Por estas respondo.
Deixemos os rapazes para o louco Pitalaco¹⁸⁰!

279. DE PAULO SILENCIÁRIO

Cleofante está atrasada. Pela terceira vez já a lamparina
começa a baixar e vai morrendo rapidamente.
Assim a chama do meu coração se fosse com a lamparina,
e não mais me queimasse com desejos insones.
Ah, as vezes que jurou por Citereia que viria à tardinha!
Mas ela, nem dos homens nem dos deuses faz caso.

280. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Também tu, Filina, estás doente? Também tu sofres,
e com olhos secos vais derretendo?
Ou desfrutas do mais doce sono, e da minha dor
não fazes nem conta nem número?
A mesma sorte encontrarás, miserável, e verei
o teu rosto banhado em mar de lágrimas.
Cípris, noutras coisas hostil, esta tem de bom:
detesta mulheres que são soberbas.

281. DE PAULO SILENCIÁRIO

Ontem Hermonassa, depois de uma orgia de vinho puro,

¹⁸⁰ Um pederasta citado por Ésquines (*c. Tim.* 54).

quando com grinaldas lhe adornava a porta de casa,
 atirou-me um copo de água; e despenteou-me o cabelo,
 que muito a custo penteara para três dias.
 Mais inflamado fiquei ainda pela água, pois na taça
 havia o fogo secreto dos seus lábios doces.

282. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

A esbelta Mélite, no termo de longa velhice,
 não perdeu essa graça da juventude;
 ainda tem as faces polidas, o olhar não deixou
 de encantar. Não poucas décadas conta!
 Mas guarda ainda o ar das moças – assim aprendi
 que o tempo não vence a natureza.

283. DE PAULO SILENCIÁRIO

A adorável Teano, vertendo lágrimas de pena,
 toda a noite a tive debaixo dos lençóis.
 Desde que a estrela da noite rumou ao Olimpo,
 acusou-o de ser arauto da manhã seguinte.
 Nada convém aos mortais! Aquele que é servo
 dos Amores devia ter as noites dos Cimérios¹⁸¹.

284. DE RUFINO, O DOMÉSTICO¹⁸²

Amo tudo em ti. Apenas o teu olho sem critério
 detesto, atento a homens que odeio.

¹⁸¹ Vd. núm. 223 e nota ao v. 6. O tema frequente da pressa da manhã em nascer, como já no. núm. 172 (de Meleagro).

¹⁸² Estes *domésticos* eram guardas pessoais do Imperador em tempos de paz, normalmente homens instruídos.

285. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Impedida de me beijar na boca, a divina Rodante
colocou a sua cinta de virgem entre nós
e pôs-se a beijá-la; eu, um canalizador versado,
a fonte do amor dirigi para outro ponto,
sugando os seus beijos; percorrendo com a boca
a cinta da moça, assim a beijava de longe.
Foi isto alívio do meu sofrer; a sua adorável cinta
era uma ponte entre os lábios de um e outro.

286. DE PAULO SILENCIÁRIO

Diz-me lá, Cleofante, que prazer quando sobre dois seres
um mesmo amor tempestivo descarrega a tormenta!
Que espécie de guerra, terror imenso ou vergonha poderia
separá-los, os corpos entrelaçados como estão?
Atem os meus membros as correntes que Hefesto forjou
no topo do Lemnos¹⁸³, toda a sua arte matreira.
Com o teu corpo enlaçado nos meus braços, meu amor,
já me contento, submetido aos teus feitiços.
Quero lá eu saber, senhora, se me vê um estrangeiro,
vizinho, viajante, um padre ou a minha mulher!

287. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Desejando saber se a formosa Ereuto me amava,
testei o seu coração com truque matreiro:
“Vou para uma terra estrangeira! Tu, moça, espera
de pé firme, guarda memória do meu amor!”

¹⁸³ Clara alusão à cena da *Odisseia* (8.267-366, esp. 339-342), na qual Hefesto acorrenta Ares e Afrodite e os expõe às gargalhadas dos demais deuses.

Ela gritou muito, esperneou, bateu na cara e arrancou
 uma madeixa do seu cabelo bem entrançado,
 pedindo-me que ficasse. Eu, que sou osso duro de roer,
 de olhar disperso, só consentia com a cabeça.
 Sou feliz no amor! Tudo o que queria conseguir,
 a ela lho concedi como um grande favor!

288. DE PAULO SILENCIÁRIO

Depois que Cariclo, brincando comigo durante a bebida,
 me pôs na cabeça, de surpresa, a sua grinalda,
 consome-me um fogo mortífero. A grinalda, estou em crer,
 tinha algo do que queimou Glauce, a filha de Creonte¹⁸⁴.

289. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

A velha, da idade de três corvos, que para meu mal
 muitas vezes recebeu outro adiamento da sorte,
 tem coração azedo e nem com ouro nem com um copo
 do melhor vinho temperado se deixa amolecer.
 Está sempre à coca da moça; e se por um acaso calha
 dar por ela lançando ao vazio um olhar furtivo,
 - que audácia! – esbofeteia as faces da sua cara,
 fazendo a infeliz gritar que mete dó.
 Se na verdade foste apaixonada por Adónis, Perséfone,
 chora as dores da nossa comum desgraça.
 Concede a ambos um só favor: livra a moça da velha,
 antes que algum mal sobrevenha!

¹⁸⁴ A princesa assassinada por Medeia, na versão mais divulgada do mito com a própria túnica nupcial, embebida num filtro venenoso que a fez incendiar ao ser colocada pela noiva.

290. DE PAULO SILENCIÁRIO

Esquivando o olhar sempre agitado da sua mãe,
 uma moça adorável deu-me um par de maçãs
 vermelhas. Creio que misturou a chama dos amores,
 em segredo, a essas maçãs avermelhadas;
 sou o infeliz que a chama enlaçou! E, em vez de seios,
 ó deuses, só tenho maçãs nestas mãos inúteis.

291. DO MESMO

Se este presente me fazes, meu amor, como símbolo
 dos teus seios, regozijo com tão grande favor!
 Mas se te ficas por estas¹⁸⁵, erras, pois já acendeste
 o fogo oculto e agora recusas-te a apagá-lo.
 Quem feriu Télefo também o curou¹⁸⁶; não vás tu, moça,
 ser para mim mais cruel do que os inimigos.

292. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

*Linhas enviadas a Paulo Silenciário por Agátias, estando este
 na outra margem do Bósforo, com o propósito de estudar leis*

Aqui a terra, entre os resplendores de verde dos ramos,
 oferece toda a graça da folhagem rica em frutos;
 aqui, os pássaros, agora mães de delicadas crias,
 cantam debaixo da sombra dos ciprestes,
 e os pintassilgos chilreiam com doçura; a pomba
 murmura, pousada no matagal frondoso.
 De que me serve, quando preferia escutar a tua voz
 aos acordes da cítara do senhor de Delos¹⁸⁷?

¹⁸⁵ O presente são ainda as maçãs do epigrama anterior.

¹⁸⁶ Cf. nota ao núm. 225 (v.5).

¹⁸⁷ Apolo.

Duplo desejo me domina: quero ver-te a ti,
 meu caro, e a essa criatura adorável
 por quem morro de cuidados. As leis, porém,
 mandam estar longe dessa gazela meiga.

293. DE PAULO SILENCIÁRIO

A Resposta

Eros, o guerreiro, ignora a lei, e nenhum outro
 assunto arrasta o homem para a paixão.
 Se algum outro tema de ordem jurídica te ocupa,
 é porque no teu peito não há furioso amor.
 Que amor é esse, se um punhado de mar basta
 para teres longe o corpo da moça amada?
 A nadar Leandro¹⁸⁸ mostrou o verdadeiro poder
 do amor, de noite, sem medo das ondas;
 tu, amigo, dispões de barcos – mas ocupas-te
 mais com Atena, e esqueceste Afrodite.
 Das leis cuida Palas, a Páfia do amor. Diz-me:
 que homem pode servir a Palas e à Páfia?

294. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Historieta

A velha, miserável, estava deitada ao lado da moça,
 de costas estendidas ao longo do leito
 e perfilando-se, muralha inacessível; [como na primavera,]
 um cobertor de uma só peça protegia a moça.
 Uma escrava arrogante, fechando as portas do quarto,
 estendia-se aturdida pelo vinho sem mistura.
 Mas elas não me assustavam; logo as trancas da porta

¹⁸⁸ Vd. supra, nota ao núm. 263.

com mãos silenciosas desloquei um pouco e,
 apagando a lamparina que ardia com o ar do meu casaco,
 penetrei com pés de lã pelo quarto dentro,
 evitando a sentinela que dormia. Por cima da cama,
 sob os lençóis, boca-a-baixo, lento me arrastei,
 aproximei-me aos poucos, e a muralha se fez acessível.

Apertando o peito bem colado a essa moça,
 brincava com os seus seios e disfrutava da sua cara,
 saciando a boca com a doçura dos seus lábios.
 Essa bela boca era o meu espólio de guerra, o seu beijo
 tinha por imagem da minha batalha noturna.
 Não logrei ainda tomar a torre da sua virgindade:
 permanece erguida, em trégua sem disputa.
 Porém, se noutro combate calhamos de envolver-nos,
 em breve saquearei os muros da sua pureza,
 sem ameias que me impeçam! Se isso conseguir,
 urdirei coroas para ti, Cípris que portas o troféu!

295. DE LEÔNCIO

Sobre uma taça levada a uma moça

Toca os seus lábios que destilam mel, taça. Tu os encontraste,
 desfruta! Não te invejo... só queria ter semelhante sorte!

296. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Desde que o golpe sonoro da folha de *teléflo*
 ressoou no interior da taça profética¹⁸⁹,

¹⁸⁹ À letra, esta planta, não identificada, significa “amor ausente”, e a sua folha era usada como forma mágica de saber se o ser amado ia ou não regressar. Colocada sobre a mão ou o braço, a folha da planta era esmagada, sendo a sua adesão à pele ou o ruído da sua destruição – como parece ser o caso – interpretados como vaticínio favorável.

sei que me amas! E para que proves que assim é,
 passarás toda a noite deitada comigo.
 Isso mostrará toda a verdade. Já esses bêbados,
 deixarei que brinquem com gotas de vinho¹⁹⁰.

297. DO MESMO

Não têm os rapazes tantas penas quantas as que a nós,
 moças de coração débil, calham em sorte.
 Têm amigos da mesma idade a quem podem contar,
 sem medo, os sofrimentos do seu coração;
 têm jogos que os consolam e vão pelas ruas, sempre
 atentos, aqui e ali, às cores das pinturas¹⁹¹.
 A nós nem nos permitem ver a luz, e somos escondidas
 nos quartos, exauridas em sombrios cuidados.

298. DE JULIANO, PREFEITO DO EGITO

A adorável Maria é uma convencida – castiga pois,
 soberana Justiça, a insolência desse orgulho!
 Mas sem morte, rainha! Os cabelos brancos da velhice
 ela atinja, o rosto funesto se lhe cubra de rugas.
 Vinguem as suas brancas estas lágrimas; que a beleza
 sofra os erros do seu coração, a causa desses erros.

¹⁹⁰ O último dístico refere-se ao antiquíssimo jogo do *kottabos*, durante o qual os simposiastas, após as libações iniciais aos deuses, atiravam as gotas remanescentes desse vinho puro a pontos específicos da sala, aproveitando para brindar em nome de alguém.

¹⁹¹ Certamente frescos eróticos, como os que ainda se conservam das casas de Pompeia.

299. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

“Nada em excesso”, disse o sábio. Mas eu, todo-amores
 e bonito que sou, fui erguido pela insolência
 e julguei que o coração dessa moça, inteiro, jazia
 em minhas mãos, manhosa como ela é!

Mais se ergue ela, erguendo a sobrelance arrogante,
 como que censurando a anterior postura.

E eu, antes de olhar agudo, como o ferro e duro de roer,
 outrora de cabeça erguida, do nada caí ao chão.

Tudo se inverteu; e, prostrado ante os joelhos da moça,
 grito: “Tem piedade! Foi culpa da juventude.”

300. DE PAULO SILENCIÁRIO

Sobre o mesmo [assunto]

O homem de antes, arrogante, cabeça alta e sobrelances
 [unidas,
 aqui jaz agora, brinquedo de uma moça delicada.

O que antes, com insolência, julgava fazer sofrer a menina,
 ei-lo agora submetido e de esperança perdida.

Ele, caído, entre súplicas e lamentos parece uma mulher;
 já ela, tem nos olhos essa força dos homens.

Moça de coração felino! Mesmo que em justa raiva ardas,
 contém o orgulho – estás a ponto de ver Némesis¹⁹².

301. DO MESMO

Envio de um peixe a uma moça

Mesmo que com o teu pé pises mais longe do que Méroe,
 o alado Eros com seu alado espírito me levará a ti.

¹⁹² I.e. a morte (do seu amante).

Mesmo que estejas a oriente, com a Aurora igual a ti,
 a pé hei de seguir-te durante estádios¹⁹³ incontáveis.
 E se agora te envio este presente do mar, tem piedade, moça!
 É a Páfia, a soberana dos oceanos, quem to envia,
 vencida pela formosura tão apetecível do corpo que é o teu
 e sem a confiança que antes tinha na sua beleza.

302. DE AGÁTIAS, O ESCOLASTA

Que caminho leva aos amores? Andando pelas ruas,
 queixar-te-ás da luxúria dada a ouro da cortesã.
 Mas, se te aproximas do leito de uma virgem, o casamento
 terás de suportar ou os castigos pelas tuas seduções.
 O amor sem fogo das esposas legítimas, quem pode
 suportá-lo, quando decorrente da obrigação?
 Terrível é a cama do adultério, estranha aos amores,
 só comparável ao criminal desejo por rapazes.
 Uma viúva, desavergonhada, toma qualquer por amante
 e tem na cabeça as artes todas da luxúria.
 A que é sensata, quando mal se entregou ao amor,
 é picada pelo aguilhão do cruel remorso e
 horroriza-a o que fez; logo, levada por gesto de pudor,
 bate em retirada, com o anúncio do fim da relação.
 Se te relacionas com uma escrava tua, convence-te que tu
 mesmo, às vezes, hás de ser escravo dessa serva.
 E se for com a de outro, a lei te fará cair em desgraça,
 pela insolência contra um ser que é de outrem.

¹⁹³ Unidade de medida para os Gregos.

De tudo isto pôde escapar Diógenes, ele que cantava
o himeneu¹⁹⁴ com a mão¹⁹⁵, sem precisar de Laís.

303. ANÓNIMO

Um som estrepitoso me chega aos ouvidos, há na praça
barulho indescritível; e não te importas, Páfia?
O teu filho, quando ia de caminho, aprisionaram-no
os que levam no coração o fogo do desejo!

304. ANÓNIMO

Quando uva verde, não me ligaste; já madura, mandaste-me ir.
Não me negues agora um pouco da uva-passa!

305. ANÓNIMO

Uma moça deu-me à noite um beijo dos seus lábios molhados.
Era um néctar o seu beijo, néctar apenas vertia a sua boca.
Agora estou ébrio por esse beijo, por beber amor em excesso.

306. DE FILODEMO

Tu choras, falas que dá pena, olhas-me de maneira indiscreta,
tens ciúmes, tocas-me amiúde e sempre me estás a beijar.
Isso é próprio de quem ama. Mas quando digo “estou a teu lado!”,
que esperas? – simplesmente nada tens de amante.

¹⁹⁴ Canção (e cortejo) nupcial.

¹⁹⁵ Diógenes, dito o cínico (séc. IV a.C.), conhecido pela austeridade as sua vida dedicada à filosofia. A propósito da sua recusa dos prazeres do mundo, circulava uma anedota que contava o que se lê no último dístico do epigrama, alusão à masturbação como forma de evitar o (nefasto) contato sexual com outro ser.

307. DE ANTÍFILO

[Sobre uma pintura de Zeus e Leda]

Eis o curso Lacónico do Eurotas, a mulher sem roupa
 Leda, e o que passa por cisne o Crónida¹⁹⁶.
 E vós¹⁹⁷ queimais este infeliz! Em quê transformar-me?
 Uma ave? Se Zeus é cisne, eu cá serei poupa.

308. DO MESMO, OU TALVEZ DE FILODEMO

Meu amor, espera por mim! Qual o teu belo nome? Onde
 posso ver-te? Dou-te quando queiras! Não falas?
 Onde vives? Mandarei alguém buscar-te. Já tens alguém?
 Ó soberba, adeus! Mas, se nem “adeus” me dizes?
 Uma e outra vez hei de abordar-te – sei amansar até
 as mais ferozes! Por agora adeus, ó mulher!

309. DE DIÓFANES DE MIRINA

“O-das-três-vontades” devia Eros ser chamado:
 ele é vigilante, destemido e ladrão.¹⁹⁸

310. ANÓNIMO

Uma mesma gema reflete os mistérios multiformes de Iaco¹⁹⁹
 e, em baixo, um coro de Amores alados em plena vindima.

¹⁹⁶ Cf. núms. 65 e 125.

¹⁹⁷ O poeta interpela outras personagens presentes no quadro, quase de certeza uns Cupidos.

¹⁹⁸ Pode tratar-se, originalmente, da inscrição de uma estátua de Eros.

¹⁹⁹ Originalmente filho de Dioniso com Deméter, o nome de Iaco passou a ser usado para referir o de seu pai. O epigrama descreve uma cena báquico-erótica na técnica da glíptica, ou seja, a arte de gravar em pedras preciosas, que inclui a talha e a escultura cavada ou em alto-relevo (camafeu).

ÍNDICE DE EPIGRAMATISTAS

Um ponto de interrogação assinala as atribuições duvidosas ou dúplices nos códices, bem como aqueles epigramatistas desconhecidos. Esta lista não contempla a maior parte das discussões de autoria dos epigramas, antes, preferencialmente, a sua atribuição manuscrita.

Agátias, o Escolasta (c. 536-582): 216, 218, 220, 222, 237, 261, 263, 267, 269, 273, 276, 278, 280, 282, 285, 287, 289, 292, 294, 296, 297, 299, 302

Alceu de Messene (séc. II a.C.): 10

Antífilo de Bizâncio (séc. I a.C.): 111, 307, 308?

Antípatro de Tessalónica (séc. I a.C.): 3, 30, 31, 109

Árquias de Antioquia (séc. I a.C.): 58, 59, 98?

Asclepiades de Samos (séc. III a.C.): 7, 64, 85, 145, 150, 153, 158, 161?, 162, 164, 167, 169, 181, 185, 189, 194?, 202?, 203, 207, 209?, 210

Automedonte de Cízico (séc. I a.C.-I d.C.): 129

Basso (séc. I): 125

Calímaco de Cirene (séc. III a.C.): 6, 23, 146

Cápiton de Alexandria (?): 67

Cilactor (?): 29, 45

Claudiano de Alexandria (séc. V): 86

Cometas, o *Cartulário* (?): 265

Crinágoras de Mitilene (séc. I a.C.): 108, 119

Dionísio, o Sofista (?): 81

Diodoro (?): 122

Diófanes de Mirina (?): 309

Dioscórides (séc. III a.C.): 52-56, 138, 193

Diotimo de Mileto (?): 106

Erastótenes, o Escolasta (séc. VI): 242

- Estatílio Flaco (séc. I a.C.): 5
- Filodemo de Gádara (séc. I a.C.): 4, 13, 25, 46, 107, 112, 115, 120, 121, 123, 124, 126, 131, 132, 306, 308?
- Getúlico (séc. I): 17
- Hédilo de Samos (ou Atenas) (séc. III a.C.): 161?, 199
- Honesto de Corinto (ou Bizâncio) (séc. I): 20
- Ireneu, o *Referendário* (séc. VI): 249, 251, 253
- Juliano, Prefeito do Egito (séc. V-VI): 278
- Leónidas de Tarento (séc. III a.C.): 188, 206
- Leôncio, o Escolasta (séc. VI): 295
- Lucílio (séc. I): 68?
- Macedónio de Tessalónica (séc. VI): 223-225, 227, 229, 231, 233, 235, 238, 240, 243, 245, 247, 271
- Mécio (séc. I): 114, 117, 130, 133
- Marco Argentário (séc. I): 16, 32, 63, 89, 102, 104, 105, 110, 113, 116, 118, 127, 128
- Meleagro de Gádara (séc. I a.C.): 8, 24, 57, 96, 136, 137, 139-141, 143, 144, 147-149, 151, 152, 154-157, 160, 163, 165, 166, 171-180, 182, 184, 190-192, 195-198, 204, 212, 214, 215
- Nicarco (?): 38-40
- Nóssis (séc. IV-III a.C.): 170
- Páladas de Alexandria (séc. III/IV): 71-72?, 257
- Parménio da Macedónia (séc. I): 33-34
- Paulo Silenciário (séc. VI): 217, 219, 221, 226, 228, 230, 232, 234, 236, 239, 241, 244, 246, 248, 250, 252, 254-256, 258-260, 262, 264, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 279, 281, 283, 286, 288, 290, 291, 293, 300, 301
- Platão (séc. IV a.C.): 78-80
- Polémon, rei do Ponto (séc. I a.C.): 68?
- Posidipo de Pela (séc. III a.C.): 134, 183, 186, 194?, 202?, 209?, 211, 213
- Rufino, da Iónia (séc. II?): 9, 12, 14, 15, 18, 19, 21, 22, 27, 28, 35-37, 41-44, 47, 48, 60-62, 66, 69, 70, 71?, 73-77, 87, 88, 92-94, 97, 103
- Rufino, o Doméstico (?): 284
- Simónides de Ceos (séc. VI-V a.C.): 159
- Todício Galo (?): 49

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calíroo*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII).* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).
52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V).* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, IUC, 2018).

(Página deixada propositadamente em branco)

O quinto livro da *Antologia Grega* contempla 310 epigramas unidos pelo conteúdo erótico que os anima. Entendido o adjetivo “erótico” em sentido literal (“inspirado por ou relativo a Eros”), inclui desde composições de tema ou intenção sexual, com linguagem obscena mais ou menos disfarçada, a outras onde se pode ler a mais ou menos violenta explosão do sentimento amoroso, um pouco à maneira que viria a ser também a dos trovadores medievais. Salvo um menor grupo de epigramas que recorrem a paralelos da mitologia grega, os poemas versam sobre os sintomas e queixumes mais correntes e atemporais do ser enamorado, sobre os sentimentos tantas vezes contraditórios inspirados por esse Eros que lapidarmente Posídipo define como *agridoce* (núm. 134).

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



C
E C H

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

• U



C •

I
U

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS